



Salomão

12

JESUS CRISTO E O
SANTUÁRIO CELESTE
Uma verdade para hoje.

22

PREVENÇÃO E
TRATAMENTO
Nós e a Medicina.

33

A BIBLIOTECA
DE ELLEN G. WHITE
Ellen G. White e os livros.



"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL revista.adventista@pservir.pt

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S. A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

MDI – Design e Impressão, V. N. Famalicão

TIRAGEM **1000 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL Nº **1834/83**

PREÇO NÚMERO AVULSO **1,90€**

ASSINATURA ANUAL **19,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC

DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

 **Igreja Adventista
do Sétimo Dia**

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora ServVir, S. A.

outubro

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	[9]	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
[29]	30	31	1	2	3	4

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

1 ENCONTRO DE COMUNICAÇÃO E LIBERDADE RELIGIOSA

6-8 FORMAÇÃO DE MULHERES PARA A LIDERANÇA (NÍVEL 1)

13-15 CONVENÇÃO DA ASI PORTUGAL

14 e 15 EFJA NÍVEL II – NORTE E CENTRO

22 FORMAÇÃO DE LÍDERES LOCAIS | INTERDEPARTAMENTAL (ZOOM)

22 ENCONTRO DE DIRETORES DE MORDOMIA | LISBOA E VALE DO TEJO

28 UNITALKS CENTRO | UNIVERSITÁRIOS ADVENTISTAS

29 SAL

30 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

2-6 CONSELHO ANUAL DA CONFÉRENCIA GERAL

9-13 ASSOCIAÇÃO BÁVARA (SGU)

16-20 SEMINÁRIO DE BOGENHOFEN (ATU)

23-27 HOPE MEDIA EUROPE – ALEMANHA (EUD)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[9] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[29] DOMINGO

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 17:00 E AS 17:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

novembro

D	S	T	Q	Q	S	S
29	30	31	[1]	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	[13]	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	1	2

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

4-11 SEMANA DE ORAÇÃO E GRATIDÃO

18 e 19 EFJA NÍVEL II – LISBOA E SUL

19 SAL

25 ROIG | SUL

26 ROIG | LISBOA E VALE DO TEJO

27 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

30/10-3/11 REUNIÃO DE FIM DE ANO (EUD)

6-10 SEMANA DE ORAÇÃO (EUD)

14-18 UNIVERSIDADE ADVENTISTA DE FRANÇA (COLLONGES) (EUD)

20-24 UNIÃO DO NORTE DA ALEMANHA (NGU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[1] QUARTA-FEIRA

[13] SEGUNDA-FEIRA

Índice

04

EDITORIAL

Salomão

05

BANCO DE LEITURA

Mensagem do Senhor

Uma obra crucial.

06

BÍBLIA

Salomão: uma questão de coração

As lições da vida do homem mais sábio do mundo.

12

TEOLOGIA

Jesus Cristo e o Santuário Celeste

O decisivo ministério celestial de Cristo.

22

SAÚDE

Prevenção e tratamento

Que relação deve o Adventista do Sétimo Dia ter com a Medicina Moderna?

26

BÍBLIA

Entre as chamas

O lugar das provações na vida do Cristão.

29

MISSÃO

A igreja que reviveu

Esperança para as igrejas que lutam para sobreviver.

33

DOM DE PROFECIA

A Biblioteca de Ellen G. White

O amor pelos livros revelado por Ellen G. White.

36

REFLEXÃO

Vagas no Grande Hotel

Uma percepção do valor infinito da salvação.

38

ESPÍRITO DE PROFECIA

Fixa os teus olhos no Mestre

Aprender com Salomão.

39

ESPAÇO JUVENIL

Salomão

Descobre a vida do rei mais sábio de todos os tempos.

42

NOTÍCIAS NACIONAIS





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

Salomão

Salomão foi o terceiro rei da monarquia israelita, depois de Saul e de David.¹ A sua vida oferece-nos várias lições.

As tradições literárias e culturais associam Salomão à sabedoria.² Salomão pediu sabedoria. De facto, a “sabedoria de Salomão foi tão celebrada que ele se tornou na figura mais associada à tradição sapiencial da escrita israelita”.³ Salomão, um rei que recebeu sabedoria divina e grandes bênçãos de Deus, mas, ainda assim, caiu em pecado. Isso ensina-nos que estamos sujeitos a tentações e quedas, se não permanecermos ligados à sabedoria divina.

Também podemos aprender com Salomão a importância da humildade. “A humildade é importante para estabelecer uma relação correta com Deus, com os outros e consigo próprio.”⁴ Precisamos, cada dia, de perceber que nada somos e que devemos permanecer humildes diante do nosso grande Deus e obedecer-Lhe de todo o coração. Afinal, sem Ele nada somos, por mais talentosos que pensemos ser.

Além disso, com Salomão aprendemos ainda que, apesar de ter acumulado riquezas, prazeres e bens materiais, por fim ele percebeu que tudo era vaidade e vazio. Isso recorda-nos de que a nossa verdadeira alegria e a

nossa verdadeira satisfação devem vir de Deus.

“O dia brilhante da glória de Salomão terminou em nuvens e escuridão. O seu declínio e a sua queda do seu alto estado é um triste registo.”⁵ Com a vida de Salomão vemos, com clareza, que os nossos pecados têm consequências não apenas para nós mesmos, mas também para os outros ao nosso redor. Muitas vezes temos sido pedras de tropeço. É tempo de sermos influenciadores, de termos cuidado com o que dizemos, vestimos, fazemos. Afinal, as nossas ações influenciam os outros. “Se alguém deseja que a sua influência fale em favor da verdade, viva segundo esta, imitando assim o humilde Exemplo.”⁶

Quer estar ligado à sabedoria de Deus para ser um “*influencer*” neste mundo?

1 Brandon Grafius, “Solomon, King of Israel”, ed. John D. Barry et al., *The Lexham Bible Dictionary* (Bellingham, WA: Lexham Press, 2016).

2 Brandon Grafius, “Solomon, King of Israel”, ed. John D. Barry et al., *The Lexham Bible Dictionary* (Bellingham, WA: Lexham Press, 2016).

3 Allen C. Myers, *The Eerdmans Bible dictionary* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987), 960.

4 G. Scott Gleaves, “Humility”, ed. Douglas Mangum et al., *Lexham Theological Wordbook*, Lexham Bible Reference Series (Bellingham, WA: Lexham Press, 2014).

5 M. G. Easton, *Illustrated Bible Dictionary and Treasury of Biblical History, Biography, Geography, Doctrine, and Literature* (New York: Harper & Brothers, 1893), 639.

6 Ellen G. White, *Mensagens aos jovens* (Tatuí, SP: CPB), p. 128.



Mensageira do Senhor

Herbert E. Douglass

O livro que lhe quero apresentar aqui, caro Leitor, deveria ter um lugar cativo na biblioteca pessoal de cada membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal. Ele apresenta o ministério profético de Ellen G. White de um modo sistemático e abrangente, muito útil para fortalecer o nosso conhecimento sobre o Espírito de Profecia e a nossa confiança no dom profético oferecido por Deus à Sua Igreja. O livro tem 47 capítulos, divididos em 8 secções.

A primeira secção tem por tema “O Sistema Divino de Comunicação” e aborda o profetismo em geral, bíblico e extra bíblico. A segunda secção intitula-se “A Verdadeira Ellen G. White” e discute os aspetos cruciais e característicos da vida e obra da serva do Senhor. A terceira secção – “A Mensageira que Escuta” – trata do papel de Ellen G. White como mensageira do Senhor enviada à Igreja Adventista do Sétimo Dia. A quarta secção tematiza “A Voz de um Movimento” e descreve o papel crucial de Ellen G. White na origem e no desenvolvimento da nossa Igreja. A quinta secção apresenta Ellen G. White como “Promotora de Conceitos Inspirados” sobre as principais doutrinas, sobre a Reforma da Saúde e sobre a Educação Adventista. A sexta secção ensina-nos “Como Escutar a Mensageira”, apresentando princípios hermenêuticos e explicando como os seus livros foram escritos e preparados. A sétima secção aconselha-nos sobre “Como Avaliar a Crítica” de que o Espírito de Profecia tem sido alvo.



Finalmente, a oitava secção discorre sobre a “Relevância Permanente da Mensageira do Senhor” para o nosso tempo e para nós. O livro tem ainda 16 apêndices sobre vários temas específicos relacionados com Ellen G. White e com o Espírito de Profecia.

Por que razão eu considero este livro tão importante? Porque ele nos permite reforçar a nossa convicção de que Ellen G. White foi uma verdadeira profetisa enviada por Deus para orientar a nossa Igreja e para nos aconselhar no desenvolvimento da nossa vida espiritual. Tal convicção será crucial para nos mantermos fiéis à nossa fé Adventista nos tempos conturbados que se aproximam, pois é evidente, pelos múltiplos sinais dos tempos, que poderemos bem ser a geração que testemunhará a Segunda Vinda. O inimigo de Deus e do Homem está constantemente a procurar minar a nossa fé no Dom de Profecia porque sabe que, assim, poderá mais facilmente convencer-nos a abandonar a fé quando ocorrerem os tumultuosos eventos finais.

Por isso, o apelo que lhe dirijo é simples e direto: adquira este importante livro sem demora!

Salomão: Uma questão de coração

Salomão considerava o seu reinado como sendo um legado sagrado. O peso da responsabilidade tornava-o tão humilde que ele sentia a sua necessidade do auxílio divino.



Sikhululekile Daco
*Editora-Associada da
Adventist Review*

*Retirado da Adventist
Review de maio de
2023.*

Ele governou o Israel unido quando o poder deste estava no zénite. Tendo herdado do seu pai a paz, a prosperidade e a piedade pessoal, estava posto o palco para que experimentasse o sucesso. E ele foi, efetivamente, bem-sucedido.

Começando bem

Salomão começou bem. Num momento do início do seu reinado, ele convocou a sua equipa de liderança e dirigiram-se todos para a tenda da reunião em Gibeom para buscar Deus. Enquanto estava ali, Deus apareceu-lhe num sonho, oferecendo-lhe qualquer coisa que ele desejasse. “Pede o que queres que eu te dê” foi o convite franco do Senhor (II Crónicas 1:7; I Reis 3:5). A resposta de Salomão revelou uma humildade e uma autoconsciência que é instrutiva para todos nós.

“Agora, pois, ó Senhor meu Deus, tu fizeste reinar a teu servo em lugar de David meu pai; e sou apenas um menino pequeno; não sei como sair, nem como entrar. E o teu servo está no meio do teu povo que elegeste; povo grande, que nem se pode contar, nem numerar, pela sua multidão. A teu servo, pois, dá um coração entendido para julgar a teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal; porque quem poderia julgar a este teu tão grande povo?” (I Reis 3:7-9).

Salomão considerava o seu reinado como sendo um legado sagrado. O peso da responsabilidade tornava-o tão humilde que ele sentia a sua necessidade do auxílio divino. Ele viu claramente que a tarefa ultrapassava as suas capacidades e apelou para o Om-

Ao trazer Salomão os seus holocaustos perante o Senhor, reconheceu que os seus esforços pessoais eram insuficientes para corresponder ao elevado padrão de Deus.

nipotente, para que este colmatasse a sua carência. Em vez de recusar um chamado que ultrapassava a sua capacidade, Salomão viu neste chamado um convite à oração. Por essa razão ele tinha vindo a Gibeom para sacrificar mil holocaustos (I Reis 3:4).

As bênçãos de Deus

Diga-se que o holocausto era um sacrifício que se oferecia na sua totalidade (Levítico 1:9, 13), significando a oferta completa de si mesmo ao Senhor. Era uma oferta substitutiva (v. 4), apontando para Jesus, que tomou o nosso lugar e Se deu para nossa salvação. Ao aceitarmos o Seu sacrifício em nosso favor, somos capacitados para viver totalmente consagrados a Ele (cf. Gálatas 2:20).

Ao trazer Salomão os seus holocaustos perante o Senhor, reconheceu que os seus esforços pessoais eram insuficientes para corresponder ao elevado padrão de Deus. Ele exerceu fé nos méritos do (futuro) sacrifício de Cristo, que cobriria todas as suas

necessidades segundo as Suas riquezas na glória. Sobretudo, Salomão consagrou-se totalmente para servir Deus com todo o seu ser numa atitude de humildade. Salomão buscou o Senhor e o Senhor deixou-Se encontrar por ele. O seu pedido de um coração entendido, em resposta ao convite de Deus, não foi senão uma expressão verbal do que o havia inicialmente motivado a vir a Gibeom. Reconhe-

cendo a sua deficiência e a suficiência de Deus, Salomão lançou os fundamentos para se tornar o mais sábio homem vivo.

Deus concedeu o pedido de Salomão por sabedoria e acrescentou a bênção das “riquezas, bens e honra, quais não teve nenhum rei antes de ti, e nem depois de ti haverá” (II Crônicas 1:12).

Sabedoria em operação

No quarto ano do seu reinado, Salomão embarca na grande tarefa de construir o templo (II Crônicas 3:2), um privilégio retido do seu pai, Davíd, e um privilégio que Salomão não considera de somenos importância. O projeto levou sete anos a ser completado (I Reis 6:38). Salomão não poupou esforços para garantir que ele seria executado de modo excelente, contratando os melhores artesãos e encomendando os materiais de melhor qualidade (I Crônicas 2:7-9). Do começo até ao fim, o projeto de construção é executado com distinção (I Crônicas 8:16).

As notícias da riqueza e da sabedoria de Salomão espalharam-se por



A sabedoria e a prosperidade de Salomão foram uma via para expandir o conhecimento sobre o Deus do Céu.

todo o lado. Do Oriente, vem a rainha de Sabá para investigar a validade das notícias que ouviu. Depois de visitar Salomão e de ver o seu reino, ela é compelida a confessar que não só os relatos que ouvira eram verdadeiros, mas que eles estavam aquém da realidade. “Sobrepujaste a fama que ouvi”, confessa ela (II Crônicas 9:6). A maneira como Salomão se apresenta e apresenta a riqueza que reuniu leva a rainha de Sabá a bendizer o Deus dele (vv. 7 e 8). Aparentemente, Salomão fora cuidadoso em dar glória a Deus por todas as suas realizações. Podemos deduzir que, na medida em que “todos os reis da terra buscavam a presença de Salomão, para ouvirem a sabedoria que Deus tinha posto no seu coração”, ele usou estas oportunidades para glorificar Deus (v. 23). Deste modo, a sabedoria e a prosperidade de Salomão foram uma via para expandir o conhecimento sobre o Deus do Céu.

Fundamentos de loucura

Infelizmente, Salomão não foi perfeito na sua adesão às instruções de Deus e estas falhas levaram à sua queda (cf. Provérbios 1:7). Em três áreas importantes ele falhou em aderir às injunções divinas.

Primeiro, ele casou fora da fé (I Reis 3:1). Da perspectiva do mundo, era vantajoso fortalecer a relação com uma nação estrangeira poderosa. No entanto, Deus tinha proibido o Seu povo de se casar com descrentes (Deuteronômio 7:3 e 4). Segundo, Deus predisse que os Israelitas exigiriam um rei humano em imitação das nações que os rodeavam, mas Ele tinha estabelecido salvaguardas para preservar o caráter distintivo da monarquia israelita. O rei de Israel não deveria amontoar riquezas e mulheres para si, “para que o seu coração não se desvie” (Deuteronômio 17:17). Mas, com o passar do tempo, Salomão fez exatamente isso (II Crônicas 1:14-17; I Reis 11:1-3). Por último, no negócio mais sagrado da construção do templo, ele deixou de consultar Deus sobre quem deveria dirigir o projeto. Enquanto Deus tinha capacitado sobrenaturalmente Bezalel e Aholiab com perícia para construírem o tabernáculo do deserto, Salomão procurou agora os seus descendentes (que, a propósito, eram de linhagem mista) para liderarem o projeto de construção (II Crônicas 2:7, 13 e 14). Caso tivesse sido necessário, Deus poderia ter equipado um obreiro fiel em Israel para liderar o projeto.

Com respeito à sua vida pessoal, às suas posses e aos seus projetos, Salomão fez vários compromissos. A deficiência não resultou de uma falta de conhecimento, porque Salomão estava bem ciente do que deveria fazer. Ele tinha o tempo, os recursos e a capacidade para seguir as instruções do Senhor; no entanto, por alguma razão, a sua obe-

Ele tinha o tempo, os recursos e a capacidade para seguir as instruções do Senhor; no entanto, por alguma razão, a sua obediência a Deus não foi completa. Estes compromissos na sua vida lançaram os fundamentos para o declínio, até à tolice, do homem mais sábio.

diência a Deus não foi completa. Estes compromissos na sua vida lançaram os fundamentos para o declínio, até à tolice, do homem mais sábio.

Uma parábola vivida

Na vida deste homem ouvimos ecos da parábola de Cristo que encerra o Sermão da Montanha. Como Ann Omley escreveu no seu clássico hino infantil: “O sábio construiu a sua casa sobre a Rocha, ... e as chuvas caíram. As chuvas caíram e as águas subiram, ... mas a casa na Rocha ficou firme.” Por contraste: “O tolo construiu a sua casa na areia, ... e as chuvas caíram. As chuvas caíram e as águas subiram, ... e a casa na areia caiu.”

Tanto o sábio como o tolo na parábola de Jesus construíram uma casa. Jesus não comenta sobre os materiais usados na edificação das casas. Pode

muito bem ser que ambos tivessem usado exatamente os mesmos materiais. Ambos os indivíduos enfrentaram desafios quando as chuvas caíram e as águas subiram. A única diferença foi o lugar onde eles decidiram construir a sua casa e essa diferença impactou a capacidade para suportar as dificuldades que, inevitavelmente, vieram sobre eles.

Ao explicar a parábola, Jesus diz-nos que tanto o sábio como o tolo ouvem as Suas palavras, mas eles diferem no facto de que um seguiu as Suas instruções, enquanto o outro não. Quando vêm tempos difíceis, aquele que não só ouve, mas também põe em prática os ensinamentos de Cristo, fica firme, como a casa construída sobre a rocha. Entretanto, aquele que ouve, mas não põe em prática os ensinamentos de Cristo, cai, como a casa construída sobre a areia. Evidentemente, ouvir as palavras de Cristo, na parábola, corresponde a construir uma casa.

Ouvintes e praticantes

Sem se ouvir as palavras de Cristo não há edificação que resulte, pelo que este é um passo importante. Aquilo que se ouve é importante. Num mundo em que muitas vezes estão a competir pela nossa atenção, é importante sintonizarmos o que Jesus está a dizer. Há o perigo adicional de nos sentarmos numa câmara de ecos e escutarmos apenas as vozes que espelham a nossa voz. O objetivo do cristão não é conseguir ter uma dieta auditiva equilibrada em que ouça vozes diferentes de várias partes. Em vez disso, o nosso alvo é ouvir a voz de Jesus. Os nossos

ouvidos têm de ser treinados mediante o estudo da Palavra de Deus, onde a Sua voz é mais distinta, para que possamos discernir a Sua voz a falar-nos em todas as nossas interações.

Entretanto, ouvir a Palavra de Deus não basta. Salomão tinha acesso à Palavra de Deus, tinha tempo para refletir sobre ela e tinha os recursos para a implementar, no entanto, caiu. A parábola de Cristo ensina que a sabedoria não consiste em se ouvir o que Deus diz, mas em fazer o que Ele diz. É por isso que um homem pode ser sábio num momento, quando está a praticar a Palavra de Deus, e tolo noutro momento, quando abandona a obediência.

No começo do seu reinado, Salomão exemplificou ter um coração que se rende a Deus em obediência. Ele não só sabia que tinha recebido um elevado chamado ao ser designado como governante do povo especial de Deus, mas queria realizar fielmente essa vocação. O seu coração estava fixado no lugar certo, como o próprio Deus atestou: “Porque houve isto no

teu coração” (II Crônicas 1:11). Evidentemente, quando temos no nosso coração o desejo de obedecermos, Deus vem ao nosso encontro, como fez com Salomão, e provê tudo aquilo de que necessitamos para realizar o Seu chamado. Tudo o que nos resta fazer é decidirmos no nosso coração ser praticantes da Palavra de Deus e não apenas ouvintes. Então, quando a tempestade chega, ficaremos de pé pela graça de Deus.

**Tudo o que nos resta
fazer é decidirmos
no nosso coração ser
praticantes da Palavra
de Deus e não apenas
ouvintes. Então,
quando a tempestade
chega, ficaremos de
pé pela graça de Deus.**



Jesus Cristo e o Santuário Celeste

O ministério redentor de Jesus Cristo em favor da Humanidade não terminou no evento da cruz.

Introdução

A revelação bíblica declara “que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras” (I Coríntios 15:3, *ARA*). De facto, as Escrituras do Antigo Testamento profetizavam que “[o Messias] foi traspasado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. [...] o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos” (Isaías 53:5 e 6, *ARA*). O sacrifício de Jesus Cristo, realizado na cruz do Calvário, foi a propiciação redentora pelos pecados da Humanidade (Romanos 3:24 e 25). Jesus foi feito pecado para que

os seres humanos que cressem no poder expiatório do Seu sacrifício pudessem ser justificados dos seus pecados e salvos da morte eterna (II Coríntios 5:21). Esta morte expiatória teve lugar no Calvário “uma vez por todas” e é válida “para sempre” (Hebreus 9:26-28; 10:10-14, *ARA*). Assim, nada pode ser acrescentado ao sacrifício de Jesus feito na cruz, tendo em vista complementar o seu poder expiatório e redentor. No entanto, o ministério redentor de Jesus Cristo em favor da Humanidade não terminou no evento da cruz.

Tendo completado a Sua obra na Terra pela dádiva da própria vida (João 17:4 e 5; 19:30), Jesus “foi assunto ao



Paulo Lima
Editor da Revista Adventista

Céu” (Atos 1:11, *ARA*) para continuar o Seu ministério salvífico em favor dos seres humanos, “vivendo sempre para interceder por eles” (Hebreus 7:25, *ARA*). Deste modo, Jesus ministra como “Sumo-Sacerdote” no Céu (Hebreus 2:17; 3:1; 4:14; 5:10, *ARA*), advogando a causa dos crentes e intercedendo por eles diante de Deus (I João 2:1; Romanos 8:34). Como nosso Sumo-Sacerdote, Jesus administra os méritos do Seu sacrifício em favor daqueles que aceitam pela fé esse sacrifício vicário. Este ministério sacerdotal de Cristo é tão importante para a salvação da Humanidade quanto a Sua morte expiatória na cruz.

Ora, sendo Cristo o nosso Sumo-Sacerdote, certamente realiza esse mi-

nistério sacerdotal num lugar apropriado no Céu. De facto, um sacerdote necessita de um templo para poder officiar. Pois bem, a Bíblia é clara quanto a isto. Ela diz-nos que há, no Céu, um templo que serve de centro de comando das operações ligadas ao plano de salvação da Humanidade que está em curso. Neste artigo, iremos ver que, tanto o Antigo como o Novo Testamentos, mencionam um templo celeste e descrevem, em tipo e antítipo, o ministério sacerdotal que Jesus Cristo realiza nesse lugar celestial.

O Santuário Celeste

As Escrituras do Antigo Testamento supõem a existência de um santuário celeste que serve de morada para Deus e de sede para o Seu trono. David declarou: “O SENHOR está no seu santo templo; nos céus tem o SENHOR o seu trono” (Salmos 11:4, *ARA*). Há outras referências inequívocas ao santuário celeste de Deus no livro de Salmos e nos livros dos profetas. Assim, os salmistas declaram que Deus observa as ações dos seres humanos na Terra a partir do Seu templo celeste, a Sua morada no Céu (Salmos 33:13 e 14; 113:5 e 6). O salmista diz mesmo “que o SENHOR, do alto do seu santuário, desde os céus, baixou vistas à terra” (Salmos 102:19, *ARA*). Os profetas também se referem ao templo celeste de Deus. Miqueias declara: “Ouvi, todos os povos, prestai atenção, ó terra e tudo o que ela contém, e seja o SENHOR Deus testemunha contra vós outros, o Senhor desde o seu santo templo. Porque eis que o SENHOR sai do seu lugar e desce, e anda sobre os altos da terra” (Miqueias 1:2 e 3, *ARA*).

Já Habacuc afirma: “O SENHOR, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra” (Habacuc 2:10, *ARA*). Fica claro, pelo modo como são formuladas estas declarações, que os seus autores não estavam a referir-se ao templo de Jerusalém, mas a um templo celeste que serve de habitação para Deus no Céu.¹

A estrutura deste templo celeste foi mostrada a Moisés no Sinai, sob a forma de um “modelo” em miniatura, de modo que ele pudesse construir uma réplica terrestre do santuário celeste, numa escala menor. Essa réplica terrestre foi o tabernáculo móvel de Israel, construído no deserto do Sinai. De facto, dirigindo-se a Moisés, Deus declarou: “Segundo tudo o que eu te mostrar para modelo do tabernáculo e para modelo de todos os seus móveis, assim mesmo o fareis. [...] Vê, pois, que tudo faças segundo o modelo que te foi mostrado no monte” (Êxodo 25:9, 40, *ARA*). A palavra hebraica traduzida aqui por “modelo” é *tabnit*. Este substantivo hebraico é derivado do verbo *bânâh*, que significa “construir”.² No Antigo Testamento *tabnit* designa um padrão ou um modelo de um objeto ou de um edifício (II Reis 16:10; I Crónicas 28:11-19) ou, ainda, uma réplica de um objeto (Josué 22:28). Logo, *tabnit* denota um pequeno objeto tridimensional que pressupõe um original maior. É, portanto, um “modelo” ou uma “maquete”.³ Assim sendo, Deus mostrou a Moisés um modelo ou uma maquete do santuário celeste tendo em vista apresentar-lhe um padrão arquitetónico para dirigir a construção do tabernáculo terrestre. Deste modo, o tabernáculo terrestre era, nos seus as-

petos arquitetónicos fundamentais, uma reprodução à escala do templo celeste. O tabernáculo móvel foi o primeiro santuário de Israel. Cerca de 500 anos mais tarde, Salomão construiu o templo de Jerusalém para substituir o antigo tabernáculo, mas preservando as suas características arquitetónicas fundamentais, nomeadamente, o tipo do seu mobiliário sagrado e a sua divisão em três secções: o Pátio, o Lugar Santo e o Lugar Santíssimo. O templo de Salomão foi destruído por Nabucodonosor II, rei de Babilónia, em 587 a.C., o que obrigou à construção de um segundo templo em Jerusalém, sob direção de Zorobabel, obedecendo às mesmas características arquitetónicas fundamentais que caracterizavam o templo de Salomão. Este segundo templo foi inaugurado em 516 a.C.. O templo de Zorobabel foi ampliado e embelezado por Herodes Magno entre 20 e 11 a.C., sem que a sua estrutura arquitetónica essencial fosse alterada, tendo sido definitivamente destruído pelos Romanos em 70 d.C..⁴

A revelação do Novo Testamento também indica que existe um santuário celeste, onde Deus tem o Seu trono. A Epístola aos Hebreus e o Apocalipse têm muito a dizer sobre este importante tema, tornando claro não apenas que existe um santuário no Céu, mas que esse santuário celeste é o santuário da Nova Aliança estabelecida por Jesus Cristo.

De facto, a Epístola aos Hebreus declara que o santuário celeste, onde Jesus Cristo passou a ministrar desde que ascendeu ao Céu, é o verdadeiro “santuário” e o “verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem” (Hebreus



Deus mostrou a Moisés um modelo ou uma maquete do santuário celeste tendo em vista apresentar-lhe um padrão arquitetónico para dirigir a construção do tabernáculo terrestre.

8:1 e 2, *ARA*; cf. Hebreus 9:11, 24). O santuário terrestre é o “antítipo” (em grego, *antitupos*) do santuário celeste (Hebreus 9:24), porque – como já vimos – foi com base num “modelo” (em hebraico, *tabnit*), que reproduzia à escala o santuário celeste, que o santuário terrestre foi concebido e construído. Assim, o autor de Hebreus afirma que o santuário celeste é o santuário ou o tabernáculo “verdadeiro” ou “real” (em grego, *alethinon*), tendo sido nele que Jesus Cristo entrou após a Sua ascensão. Ele escreve: “Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus” (Hebreus 9:24, *ARA*). Dado que o autor da Epístola aos Hebreus fala do “santuário feito por mãos”, isto é, construído por seres

humanos na Terra, como sendo “figura do verdadeiro” santuário, fica claro que, ao referir-se ao “mesmo céu”, ele fá-lo para evitar usar de novo o termo “santuário” por razões estilísticas, mas é nisso mesmo que ele estava a pensar. Portanto, para ele, há um “verdadeiro” santuário no “mesmo céu” e foi nele que Cristo entrou ao ascender ao Céu. Note-se que o adjetivo plural com artigo definido *ta hagia* (“as [coisas] santas”, isto é, “o santuário”) é usado na Epístola aos Hebreus para designar o santuário como um todo, e não qualquer uma das suas divisões estruturais. Isto é evidenciado pelo facto de a expressão *ta hagia* ser usada pelo autor de Hebreus como sinónimo de *skênê*, isto é, “tabernáculo” (Hebreus 8:2). Dado que “tabernáculo” denota o santuário total no Antigo Testamento (tanto no Texto Hebraico Massorético – *mishkan* – como na *Septuaginta* – *skênê*), então *ta hagia*, sendo usada como seu sinónimo, também o denotará. Note-se que esta prática do autor de Hebreus segue a prática da *Septuaginta*, a antiga

tradução grega do Antigo Testamento, pois esta usa a expressão *ta hagia* para designar o santuário israelita como totalidade (e.g., Êxodo 36:1, *LXX*; I Crônicas 22:19, *LXX*). Na verdade, quando o autor de Hebreus se quer referir apenas ao Lugar Santo, ele usa o termo grego *hagia* sem artigo definido (Hebreus 9:2). Quando tem em mente apenas o Lugar Santíssimo, usa a expressão composta grega *hagia hagiôn* (Hebreus 9:3). Dado que a Epístola aos Hebreus concebe claramente o santuário terrestre como uma cópia do santuário celeste e dado que, na referida epístola, são evidentemente atribuídas ao santuário terrestre duas divisões arquitetônicas (Hebreus 9:1-7), podemos concluir, com elevada probabilidade de acerto, que o autor de Hebreus concebia o santuário celeste como tendo igualmente uma estrutura arquitetônica bipartida.⁵

Se o santuário celeste foi espelhado no modelo (*tab^enit*) que orientou a concepção do santuário terrestre, fosse este o tabernáculo do deserto ou o templo de Jerusalém que lhe sucedeu, então podemos concluir que deveria existir uma relação estrutural entre o santuário celeste e o santuário terrestre.

O Apocalipse também tem algo importante a dizer sobre o santuário celeste. João, o seu autor, viu-o em visão profética: “Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da Aliança no seu santuário” (Apocalipse 11:19, *ARA*). João escreveu ainda: “Depois destas coisas, olhei, e abriu-se no céu o santuário do tabernáculo do Testemunho” (Apocalipse 15:5, *ARA*; cf. também 14:17). Ambas as referências mencionadas não só declaram que existe um santuário de Deus no Céu, como associam esse santuário com o protótipo original da arca da Aliança. Efetivamente, Apocalipse 11:19 declara expressamente que a “arca da Aliança” foi vista no santuário celeste e Apocalipse 15:5 afirma que o santuário do céu é o tabernáculo do “Testemunho”, nome que era dado às tábuas de pedra em que tinha sido escrito o Decálogo e que estavam dentro da arca da Aliança (Êxodo 25:16, 21 e 22; cf. Êxodo 31:18). Esta referência à arca da Aliança, o móvel mais sagrado do santuário israelita, não é a única menção ao mobi-



liário sagrado do santuário celeste. João contemplou em visão outros móveis sagrados do santuário celeste que serviram de modelo aos móveis sagrados do santuário terrestre. Assim, ele refere os sete castiçais (Apocalipse 1:12) e também menciona o altar de incenso (Apocalipse 8:3; 9:13). Fica, assim, claro, por analogia com o santuário terrestre, que o santuário celeste visto por João tem duas divisões: Um Lugar Santo, com sete castiçais e um altar de incenso, e um Lugar Santíssimo, com a arca da Aliança. Entretanto, os capítulos 4 e 5 de Apocalipse, com a sua descrição da sala do trono de Deus, tornam claro que o santuário celeste visto por João é uma estrutura muitíssimo superior, em glória e em dimensão, ao santuário terrestre modelado sobre ele. De facto, o próprio trono de Deus, com toda a sua glória e com toda a comitiva angélica, está situado no interior do santuário celeste (Apocalipse 4:2-8; 7:15; 16:17; cf. 5:11). Percebe-se, assim, a razão por que os juízos finais que caem na Terra, sobre a forma de pragas ou flagelos enviados pelo Senhor, têm a sua origem no templo de Deus (Apocalipse 15:5-8).⁶

Se o santuário celeste foi espelhado no modelo (*tab'nit*) que orientou a conceção do santuário terrestre, fosse este o tabernáculo do deserto ou o templo de Jerusalém que lhe sucedeu, então podemos concluir que deveria existir uma relação estrutural entre o santuário celeste e o santuário terrestre. Esta relação não seria expressa no tamanho ou no tipo de materiais empregues na construção do templo terrestre, mas sim na sua estrutura arquitetónica. Portanto, a conceção arquitetónica do santuário

terrestre, com a sua divisão em Lugar Santo e Lugar Santíssimo, indica que o santuário celeste também apresenta essa dupla divisão. Mas certamente numa escala muito mais vasta e muito mais perfeita, como deve ser próprio de um edifício que alberga o trono de Deus. Esta conclusão sobre a divisão estrutural do santuário celeste implica, também, necessariamente, uma segunda conclusão sobre a sua divisão funcional. Tal como o sacerdócio no santuário terrestre era exercido num ministério com duas fases, correspondendo aos dois tipos distintos de cenários do santuário terrestre – o Lugar Santo e o Lugar Santíssimo – em que esse ministério ocorria, o sacerdócio de Jesus Cristo deve exercer-se igualmente num ministério em duas fases, ligadas também elas aos dois tipos distintos de cenários do santuário celeste. Assim sendo, os serviços litúrgicos realizados pelos sacerdotes do santuário terrestre permitem compreender – ainda que sob um aspecto tipológico – os serviços litúrgicos de Jesus Cristo no santuário celeste. Este será o caminho que iremos trilhar para compreender o ministério sacerdotal de Cristo no santuário celeste.

O Ministério Sacerdotal de Cristo no Santuário Celeste

O ministério dos sacerdotes do santuário terrestre destinava-se a estabelecer uma mediação entre Deus e o Seu povo. Esta função de mediação intercessora realizava-se, sobretudo, pela administração sacerdotal dos ritos sacrificiais nos serviços litúrgicos diários (designados em hebreu como *tâmîd*), que permitiam aos crentes

o constante acesso a Deus. O *tâmîd* consistia na oferta de um sacrifício de manhã e de outro à tarde, em favor de todo o povo de Deus (Levítico 6:9, 12 e 13; Números 28:3-8), bem como na manutenção do candelabro e na oferta de incenso no Lugar Santo todos os dias (Êxodo 30:7 e 8). Além do *tâmîd*, os sacerdotes também apresentavam a Deus os diversos sacrifícios particulares dos adoradores, tendo em vista a expiação de pecados cometidos ou a purificação de impurezas contraídas (e.g., Levítico 1:4-9; 4:27, 31; 5:1-6).⁷

Ora bem, dado que os serviços litúrgicos do santuário terrestre eram, segundo a revelação do Novo Testamento, “uma parábola para a época presente” (Hebreus 9:9 e 10, *ARA*) e o sacerdócio levítico era “figura” e “sombra” das “coisas celestes” (Hebreus 8:4 e 5, *ARA*), este ministério diário e contínuo dos sacerdotes do santuário terrestre, que se centrava no Lugar Santo, era uma prefiguração tipológica da primeira fase do ministério sacerdotal do Messias, realizado no Lugar Santo do santuário celeste.

Assim, desde a Sua ascensão ao Céu, na primavera de 31 d.C., Jesus Cristo entrou no santuário celeste para ministrar, como mediador da nova aliança (Hebreus 7:22; 8:6; 9:15, 12:24), em favor do povo de Deus (Hebreus 6:20; 8:1 e 2; 9:24), começando por realizar o ministério antitípico correspondente ao serviço diário típico (*tâmîd*). Nesta primeira fase do Seu ministério sacerdotal, Cristo assumiu o carácter de mediador entre Deus e o Seu povo (Romanos 8:34; I Timóteo 2:5) para aplicar os méritos da Sua morte expia-

tória e vicária – ocorrida na cruz do Calvário – aos pecadores arrependidos que recorrem ao Seu ministério intercessor (Hebreus 4:14-16; 7:25; 10:19-22; Efésios 2:18). Cristo funciona assim como “Advogado”, representando os pecadores penitentes junto de Deus, de modo a conseguir a sua absolvição (I João 2:1 e 2, *ARA*). Ele apresenta o sangue do Seu sacrifício – em que Ele Se ofereceu uma vez para sempre (Hebreus 9:28; 10:12, 14) – como propiciação pelos pecados confessados dos crentes arrependidos (Hebreus 2:17; 9:12-14, 22; 13:12).

Deste modo, é significativo que João, na visão inaugural do Apocalipse, recebida no fim do primeiro século, tenha visto Jesus Cristo como um glorioso Sumo-Sacerdote entre os “sete candeeiros de ouro” (Apocalipse 1:12 e 13, *ARA*). Dado que estes estavam *tipicamente* localizados no Lugar Santo do santuário terrestre, conclui-se que João viu o Sumo-Sacerdote Jesus a officiar *antitipicamente* no Lugar Santo do santuário celeste. Este ministério intercessor e mediador de Jesus em favor dos pecadores arrependidos prosseguirá, até que Ele deixe o santuário celeste por ocasião da Sua Segunda Vinda.⁸

Entretanto, a função de mediação intercessora do ministério sacerdotal no santuário terrestre não se limitava aos ritos dos serviços litúrgicos diários (o *tâmîd*). Havia também um serviço litúrgico anual, realizado exclusivamente pelo Sumo-Sacerdote no dia dez do sétimo mês do calendário israelita (Levítico 16:29-31; 23:26-28; Números 29:7-11). Nesse dia, o Sumo-Sacerdote entrava – pela única vez no ano – no Lugar Santíssimo para purificar todo o santuário. De



Note-se que o bode de Azazel não era sacrificado, não contribuindo com sangue para a expiação do santuário. O santuário era previamente purificado apenas pelo sangue do bode do Senhor (Levítico 16:20).

facto, os sacrifícios realizados ao longo do ano tinham transferido simbolicamente, mediante o sangue derramado e manipulado, os pecados cometidos pelo povo de Deus para o santuário. Para eliminar definitivamente esses pecados, o Sumo-Sacerdote procedia ao rito do Dia da Expição descrito em Levítico 16. A purificação do santuário era realizada com o concurso de dois bodes. Depois de sorteados, um ficava sendo o bode do Senhor (que seria o “bode expiatório”) e o outro o bode de Azazel (usualmente designado como o “bode emissário”). Azazel surge aqui como uma figura demoníaca, representando Satanás. De facto, Levítico 16:8 refere o bode de Azazel como representando um ser pes-

soal – “Azazel” – que se opõe a Deus. O texto diz literalmente: “Uma sorte por *Yahweh* e outra por *Azazel*.” Note-se que o bode de *Azazel* não era sacrificado, não contribuindo com sangue para a expiação do santuário. O santuário era previamente purificado apenas pelo sangue do bode do Senhor (Levítico 16:20). De facto, o Sumo-Sacerdote sacrificava o bode do Senhor e fazia expiação pelo santuário (Levítico 16:15-20) ao levar o seu sangue para o Lugar Santíssimo, onde o aplicava ao propiciatório da arca da aliança (que continha os Dez Mandamentos) para, assim, satisfazer as exigências da santa Lei de Deus guardada na arca (Levítico 16:15). Depois, purificava o altar de incenso do Lugar Santo e o altar das ofertas queimadas do Pátio, que tinham sido espargidos com o sangue dos sacrifícios durante todo o ano (Levítico 16:18 e 19). Este rito de expiação não só purificava o santuário, mas também purificava o povo que tinha sido responsável pela contaminação do santuário com os seus pecados, transferidos ao longo do ano (Levítico 16:16, 30, 33 e 34). Depois, o Sumo-Sacerdote tomava sobre si os pecados do povo que tinham sido acumulados no santuário e transferia-os para o bode de *Azazel*, que fora conservado vivo. Este bode acumulava em si todos os pecados do povo de Deus e era, então, levado para fora do acampamento de Israel, para morrer (Levítico 16:20-22). Assim, tanto o santuário como o povo eram purificados e o santuário ficava preparado para os serviços litúrgicos de um novo ano. Note-se que este Dia da Expição era também um dia de juízo, em que Deus julgava o Seu povo. O povo devia affigir-se e hu-



milhar-se perante Deus por causa dos seus pecados, jejuando e não trabalhando (Levítico 23:27; 16:31). Aqueles que não procedessem deste modo seriam julgados culpados e deixariam de fazer parte do povo de Deus (Levítico 23:30). Assim, no Dia da Expição, Deus julgava o tipo de relacionamento que os membros do Seu povo tinham com Ele. Por meio deste juízo final, Deus removia definitivamente da Sua presença – no santuário – os pecados do Seu povo e devolveia-os ao seu originador: Azazel, isto é, Satanás.⁹

Pois bem, o rito anual do Dia da Expição no Lugar Santíssimo do santuário terrestre era, como os ritos dos serviços litúrgicos diários, uma representação tipológica do ministério sacerdotal do Messias. Mas representava uma segunda fase desse ministério, realizada no Lugar Santíssimo do santuário celeste. De facto, na medida em que o ministério sacerdotal do Messias é o antítipo do ministério sacerdotal do Sumo-Sacerdote no Dia da Expição, ele deve não só ocorrer no Lugar Santo do santuário celeste, mas deve também es-

tar relacionado com a purificação desse santuário, lidando definitivamente com os pecados que têm sido confessados pelo povo de Deus ao longo dos séculos passados e realizando uma obra de juízo sobre a vida dos crentes de todos os tempos que se declararam fiéis ao Messias. Estes eram os dois aspetos essenciais do Dia da Expição *típico*, pelo que devem ser também os dois aspetos essenciais do Dia da Expição *antitípico*. Este último deve realizar a erradicação definitiva do pecado e a reconciliação da Humanidade crente com Deus. Os pecados do penitente povo de Deus deverão ser apagados, isto é, o pecado deve ser removido dos registos do santuário celeste, tal como era removido do santuário terrestre. Os falsos crentes serão eliminados do povo de Deus e Satanás (Azazel), o instigador do pecado, deve, finalmente, ser responsabilizado e condenado por todos os pecados que levou os verdadeiros crentes a cometer.

Esta purificação do santuário celeste pelo Sumo-Sacerdote Jesus Cristo, que usa como sangue expiatório o sangue do Seu sacrifício na cruz, é

claramente indicada pela Epístola aos Hebreus: “Com efeito, quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e, sem derramamento de sangue, não há remissão. Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos céus se purificassem com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais, com sacrifícios a eles superiores” (Hebreus 9:22 e 23, *ARA*). Assim, fica claro que o ministério sacerdotal de Jesus Cristo no santuário celeste no Dia da Expição *antitípico* envolve a purificação “das coisas celestiais” – isto é, o santuário do Céu – tais como as “figuras das coisas que se acham nos céus” – isto é, o santuário terrestre – eram purificadas no Dia da Expição *típico*. O livro de Daniel informa-nos sobre esta purificação do santuário celeste e sobre a data de início dessa purificação: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado” (Daniel 8:14, *ARA*). Embora não o façamos aqui, pode-se facilmente calcular que estes 2300 dias proféticos simbolizam – segundo o princípio dia-ano (Números 14:34 e Ezequiel 4:6) – 2300 anos históricos, tendo começado em 457 a.C., data do decreto do rei persa Artaxerxes I que ordenava a reconstrução de Jerusalém, e terminado em 1844 d.C.. Mais exatamente, no dia 10 do sétimo mês desse ano no calendário judeu, que correspondeu a 22 de outubro de 1844.

Conclusão

Depois de tudo o que foi dito, podemos concluir que existe um santuário no Céu, onde está sediado o trono de Deus e onde Jesus Cristo oficia como Sumo-Sacerdote da Nova Aliança fundada e

assente na Sua morte expiatória e vicária. É nesse santuário celeste que Cristo realiza o Seu ministério sacerdotal. Este sacerdócio pode ser dividido em duas fases: A mediação intercessora no Lugar Santo e a realização do juízo no Lugar Santíssimo. A primeira fase do sacerdócio de Cristo decorreu, em exclusivo, desde a Sua ascensão na primavera do ano 31 até 22 de outubro de 1844. A partir dessa data, ela continua a decorrer, mas em paralelo com a segunda fase do sacerdócio de Jesus. Por sua vez, esta segunda fase do ministério sacerdotal de Cristo começou em 22 de outubro de 1844, decorre ainda e prosseguirá até ao encerramento do tempo da graça, pouco tempo antes da Segunda Vinda de Jesus.

Num próximo artigo iremos estudar com detalhe a fase do sacerdócio de Jesus no Lugar Santíssimo, prevista pelas profecias de Daniel 7 a 9 e ligada à realização do juízo pré-Advento como antitípico Dia da Expição.

1

“O Ministério de Cristo no Santuário Celeste”, in *Os Adventistas do Sétimo Dia Creem... Uma Exposição Bíblica de 27 Doutrinas Fundamentais*, Sacavém: Publicadora Atlântico, 1989, p. 300. Angel Manuel Rodríguez, “The Sanctuary”, in *Handbook of Seventh-Day Adventist Theology*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000, p. 382.

2

Luis Alonso Schokel, *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, São Paulo: Paulus, 1997, s. v. *bânâh*.

3

Idem, s. v. *tabenit*.

4

O Ministério de Cristo no Santuário Celeste”, p. 300. A. M. Rodríguez, “The Sanctuary”, pp. 381 e 382.

5

“O Ministério de Cristo no Santuário Celeste”, p. 300. A. M. Rodríguez, “The Sanctuary”, pp. 388 e 389.

6

“O Ministério de Cristo no Santuário Celeste”, p. 300. A. M. Rodríguez, “The Sanctuary”, p. 389.

7

A. M. Rodríguez, “The Sanctuary”, p. 379.

8

“O Ministério de Cristo no Santuário Celeste”, pp. 301-303. A. M. Rodríguez, “The Sanctuary”, p. 393.

9

“O Ministério de Cristo no Santuário Celeste”, pp. 303 e 304. A. M. Rodríguez, “The Sanctuary”, pp. 386 e 387.

Prevenção e tratamento

A mensagem dada por Deus a Ellen G. White, em 1863, inaugurou uma época de reforma na forma saudável de viver e no uso dos recursos que a própria Natureza tem para prevenir a degradação física e mental que o pecado trouxe ao mundo.



Samuel Ribeiro
Médico

Há alguns anos, vi partir precocemente uma querida amiga de infância e da mesma fé. Face ao desafio de um cancro, a opção que ela tomou de rejeitar os tratamentos médicos que lhe poderiam ter salvado a vida (optando pelos chamados “tratamentos naturais” ...) chocou-me profundamente, tanto mais que o seu fim foi bem dramático.

Depois disso, aqui e além, tenho observado que, no meio Adventista em Portugal, alguns destes casos se têm, infelizmente, repetido. A justificação desta maneira de pensar, quase sempre, é que, possuindo nós, como crentes Adventistas, uma Mensagem de Saúde única e de origem divina, nos momentos de crise devemos optar apenas pela cura da fé, eventualmente associada aos tais tratamentos naturais, pondo assim de lado o que a Medicina Científica possa ter para nos ajudar. Mas será esta uma posição correta à luz da Revelação e do Espírito de Profecia?

Quando, em 6 de junho de 1863 (fez há pouco 160 anos!), Ellen G. White recebeu a sua primeira visão (seguida por outras) sobre a Reforma da Saúde, o mundo estava ainda a viver um profundo desconhecimento das causas da maioria das doenças e do modo de as tratar. Até aí, apenas a primeira vacina, contra a varíola, descoberta no fim do século XVIII, tinha permitido um avanço histórico na prevenção dessa doença, salvando milhões de vidas. O resto da existente Medicina era um desolador panorama de utilização de sangrias e de drogas venenosas (em especial o ópio, o cloreto de mercúrio [calomelano] e a noz vómica [com estricnina]), que, em do-

A síntese dessa Mensagem de Reforma – os oito remédios da Natureza: ar puro, luz solar, temperança, repouso, exercício, regime alimentar conveniente, uso da água e confiança no poder divino – foi e é um marco na forma de prevenir a doença.

ses pequenas ou grandes, pretendiam salvar, mas muitas vezes até apresentavam a morte do doente. Mesmo o tabaco era então considerado útil nas doenças pulmonares.

A mensagem dada por Deus a Ellen G. White, nesse ano de 1863, inaugurou uma época de reforma na forma saudável de viver e no uso dos recursos que a própria Natureza tem para prevenir a degradação física e mental que o pecado trouxe ao mundo. E a síntese dessa Mensagem de Reforma – os oito remédios da Natureza: ar puro, luz solar, temperança, repouso, exercício, regime alimentar conveniente, uso da água e confiança no poder divino – foi e é um marco na forma de prevenir a doença. Por essa altura, já alguns estudiosos médicos tinham começado a olhar para certos aspetos da prevenção tal como Ellen G. White os descreveu. Mas está historicamente provado que ela só teve conhecimento disso depois de ter recebido a visão de 1863. E logo em setembro de 1866, Ellen G. White viu nascer a primeira instituição – o

Health Reform Institute – onde se começaram a praticar os princípios da Reforma da Saúde. Muitas centenas de hospitais, clínicas e centros de vida saudável Adventistas estão hoje espalhados por todo o mundo.

Prevenção ou Tratamento?

Chegamos agora ao ponto central do nosso tema: a Reforma da Saúde, dada por Deus, levou Ellen G. White a pôr de lado tudo o que a Medicina tinha para dar, substituindo esta, por exemplo, pelo uso de ervas? É verdade que ela utilizava ervas medicinais, carvão em pó, linhaça e, sobretudo, os recursos da água para alívio de problemas simples. Mas os Compiladores dos escritos de Ellen G. White (ver *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, p. 292) salientam que, enquanto as suas declarações sobre esses remédios simples não ocupam mais do que umas onze páginas impressas, mais de duas mil páginas expõem nos seus livros os princípios da Reforma da Saúde que lhe foram dados por Deus. Isto é o que significa essa Reforma na *prevenção* da doença, sintetizada nos oito remédios da Natureza.

No entanto, no que se refere ao tratamento de uma doença já existente ou ao uso das vacinas, quando houve uma epidemia de varíola na sua vizinhança, a senhora White foi vacinada e insistiu com os seus auxiliares para que se vacinassem. E na carta de 30 de 1911 (dirigida ao seu filho James E. White) ela escreveu: “Por várias semanas me submeti a tratamentos de Raios-X para a mancha escura que eu tinha na fronte. Tomei ao todo 23 aplicações e elas conseguiram remover



inteiramente a mancha. Por isso estou muito grata.” – *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, p. 303.

Como se disse anteriormente, a Medicina tinha pouco de científico até às primeiras décadas do século XX. Mas, a partir dos anos vinte, os progressos médicos foram-se acelerando. Com a descoberta da penicilina em 1928, teve início uma batalha bem-sucedida contra muitas doenças de origem infecciosa. Mas foi já muito recentemente, em 1953, que foi descoberto o mistério do ADN, cujas moléculas contêm as instruções genéticas que coordenam o desenvolvimento e as características hereditárias dos seres vivos. Assunto fascinante, que encheu de espanto os caloiros de Medicina desse ano, entre os quais estava o que escreve estas linhas. A partir de então, muita coisa mudou e a extraordinária Medicina genética dos nossos dias, com todas as suas potencialidades para a cura de muitas doenças, advém daí.

Se quisermos pesquisar um pouco sobre o avanço científico das nossas



instituições médicas Adventistas espalhadas pelo mundo, ficaremos muito surpreendidos e gratos a Deus. Algumas dessas instituições têm sido referenciadas, pela comunidade científica em geral e pelas autoridades médicas dos seus países, como dignas dos maiores encômios. O caso mais paradigmático será o do Hospital Universitário Adventista de Loma Linda, na Califórnia, que já há algum tempo foi notícia por ser o primeiro Centro Médico mundial no tratamento do cancro por meio da radiação de prótons. Desde o início dos anos noventa que, sob a orientação do médico Adventista Dr. James Slater, a radiação com prótons começou a ser utilizada para o tratamento do cancro (nomeadamente, cancro da próstata), com resultados muito assinaláveis. Os meios de comunicação continuam a salientar o valor desses tratamentos e o pioneirismo desse centro de tratamento oncológico Adventista.

Há mais de um século que Ellen G. White aderiu a um tratamento incipiente de Raios-X para o seu

tumor da face. Hoje, os herdeiros da mensagem que ela nos transmitiu da parte de Deus estão na primeira linha da prática de um viver saudável como a melhor das prevenções. Participam também na luta esclarecida e científica contra a doença, quando esta surge.

É nosso privilégio praticar os oito remédios da Natureza que nos permitem ser mais saudáveis e prevenir a doença. Mas, quando esta surge, damos graças a Deus pela sabedoria que Ele tem dado à Humanidade para a tratar e que permite às nossas instituições médicas Adventistas ser também referências tão notáveis.

Termino com uma nota pessoal. Há 24 anos fui afetado por um cancro, que, depois de uma cirurgia de ablação total do tumor, se revelou de difícil tratamento. Mas 32 tratamentos de radioterapia e um abundante número de outros tratamentos (para além de uma origem Adventista e da prática dos oito remédios da Natureza) permitiram-me, ainda hoje, escrever estas linhas. Por isso, em tudo, Deus seja louvado!

Hoje, os herdeiros da mensagem que ela nos transmitiu da parte de Deus estão na primeira linha da prática de um viver saudável como a melhor das prevenções. Participam também na luta esclarecida e científica contra a doença, quando esta surge.

Entre as chamas

Porque vivemos num mundo mau, não ficamos surpreendidos por coisas más acontecerem; mas quando elas acontecem perto do nosso lar, ficamos abalados.

Quatro dos membros da nossa igreja perderam um progenitor na mesma semana. Duas jovens mães que eu conheço estão a lutar com um cancro agressivo. Outra está a debater-se com um cancro cerebral. Um homem morreu inesperadamente por causa de um aneurisma cerebral. Um adolescente suicidou-se. Outro, devido a um acidente de automóvel, poderá não voltar a andar. Um administrador da Igreja não acordou numa destas manhãs. Um bebé nascido prematuro batia-se pela sua vida.

Os incidentes infelizes desta longa lista aconteceram no mesmo ano e no espaço de duas semanas. Em cada uma destas circunstâncias, os indivíduos eram Cristãos. Eu acredito que cada um de nós poderia elaborar uma lista semelhante,

envolvendo pessoas que conhecemos, membros de família ou, mesmo, desconhecidos que encontramos ao passarmos pelas notícias das nossas redes sociais. Porque vivemos num mundo mau, não ficamos surpreendidos por coisas más acontecerem; mas quando elas acontecem perto do nosso lar, ficamos abalados.

Uma das histórias favoritas das crianças e, talvez, de todos nós, achase em Daniel 3. Aqui encontramos Nabucodonosor com a famosa estátua de ouro rodeada por uma multidão de potenciais adoradores. Descobrimos os três amigos de Daniel – Sadraque, Mesaque e Abednego – de pé no meio da multidão, enquanto os outros se prostram obedecendo à ordem recebida. Com o agudizar da situação, são



Merle Poirier

*Diretora Operacional dos Minis-
térios da Adventist Review*

*Retirado da Adventist Review
de junho de 2023.*

feitas ameaças pelo rei e a penalidade para os que são desobedientes é vista por perto sob a forma de uma fornalha, com o fumo negro a espalhar-se pelo ar à medida que o fogo é aumentado até atingir uma temperatura altíssima.

Rescrevendo a história

Se me fosse permitido, eu poderia ter facilmente reescrito a história dos três Hebreus. Na minha versão da história, os três Hebreus ter-se-iam perdido a caminho da planície de Dura. Ou teriam acordado com a versão bíblica da gripe. Ou a fornalha ter-se-ia recusado, inesperadamente, a acender nessa manhã. Ou um poderoso vento vindo de um lugar qualquer teria derrubado a estátua e o evento teria sido cancelado. Qualquer uma destas possibilidades

teria impedido que os jovens estivessem onde eles se vieram a encontrar – de pé entre uma fornalha aquecida ao rubro e um rei muito zangado.

Para comparação, vejamos brevemente outra história bíblica, que tem a minha preferência, encontrada em II Reis 6. Aqui, descobrimos o exército sírio acampado ao redor da cidade onde está a casa de Eliseu. O servo de Eliseu vê o vasto exército e entra em pânico. Mas Eliseu pede a Deus para abrir os olhos do seu servo. Quando Ele o faz, é revelada a presença de um exército maior composto por carros de guerra angélicos. Isto é exatamente o que eu quero ver. Eu quero aceitar plenamente o texto do Salmo 34:7: “O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem, e os livra.” Eu quero imaginar que, por toda a parte onde que eu vou – ou por onde os membros da minha longa lista de família, amigos, colegas e membros de igreja vão – tudo estará bem porque nós somos seguidores de Cristo. Eu quero crer que o mal perde sempre, porque estamos rodeados por um círculo de carros de guerra angélicos. Mas as coisas más acontecem. Cancro. Acidentes. Suicídios. Tragédias inesperadas e inexplicadas. Por que razão há lugar para a fornalha em vez do exército de anjos?

João Calvino, o famoso teólogo, faz notar que Deus poderia ter facilmente apagado as chamas para salvar os três homens, mas Ele salvou-os *no* fogo, não *do* fogo. Embora eu possa querer reescrever a história, Deus não o quis. Deus escolheu preservar a vida deles, não extinguido as chamas ou evitando toda aquela experiência, mas juntando-
-Se a eles na fornalha. Ao assim fazer,

os jovens hebreus tornaram-se testemunhas de um Deus maior do que os deuses, para um rei pagão e para todos os outros que rodeavam a imagem. Ser lançado no fogo não é o que qualquer pessoa escolheria, mas eles foram salvos no decurso da sua experiência.

Embora possamos aceitar isto, tal não é completamente satisfatório. Por vezes, não somos salvos do fogo. Por vezes, o cancro vence. Por vezes, as pessoas não acordam. Por vezes, os acidentes são fatais. Pode parecer que, afinal, o fogo vence.

Completando a reflexão

Mas escute o que Sadraque, Mesaque e Abednego dizem *antes* da sua experiência com o fogo: “Responderam Sadraque, Mesaque e Abednego, e disseram ao rei Nabucodonosor: Não necessitamos de te responder sobre este assunto. Eis que o nosso Deus, a quem nós servimos, é que nos pode livrar; ele nos livrará da fornalha de fogo ardente, e da tua mão, ó rei. E, se não, fica sabendo ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste” (Daniel 3:16-18).

Percebeu bem isto? Três simples palavras: *E, se não*. Escolhemos adorar Deus sejam quais forem as desafiadoras circunstâncias que este mundo pecaminoso acarrete. Crucial é que Sadraque, Mesaque e Abednego tomaram esta decisão *antes* da sua caminhada até Dura. Eles decidiram isto antes de terem visto a fornalha ardente. Foi uma escolha e um compromisso realizado muito antes e posto em prática todos os dias.

Podemos concordar que carros de guerra angélicos são preferíveis a forna-

Nem sempre poderemos sentir a Sua presença, mas, percebamos ou não a Sua presença, Jesus está ali e sempre estará, quer para salvar das chamas, quer para salvar nas chamas. Se não hoje, então para a eternidade.

lhas ardentes. Mas, nalgum momento, teremos de aceitar Deus como sendo onisciente e onipotente. Devemos escolher servi-l’O apesar das nossas circunstâncias. Mesmo se aquilo que acontece causa uma incrível dor, nós aceitamos o Seus plano. Podemos ser lançados na fornalha, mas nunca estamos sós. Quando escolhemos servi-l’O, Deus está sempre a caminhar no meio do fogo.

Estas palavras que escrevi são muito mais fáceis de dizer no meio da calmaria do que no meio do caos. Quando acontecem coisas más, é fácil perdermos o nosso foco. É fácil ficarmos cabisbaixos no nosso desespero, mas devemos lembrar-nos todos os dias de Emanuel, “Deus conosco”, para que, quando os problemas surgem, não temamos, apesar de sermos atacados pelas chamas. Nem sempre poderemos sentir a Sua presença, mas, percebamos ou não a Sua presença, Jesus está ali e sempre estará, quer para salvar das chamas, quer para salvar nas chamas. Se não hoje, então para a eternidade.

A igreja que reviveu

Aparentemente, a igreja Adventista do Sétimo Dia da maior ilha da Alemanha teria de ser fechada. Apenas seis membros participavam nos cultos ao Sábado, sendo quatro deles da mesma família.



Andrew McChesney
Editor de Adventist Mission

Retirado da Revista Adventista brasileira de fevereiro de 2023.

Aparentemente, a igreja Adventista do Sétimo Dia da maior ilha da Alemanha teria de ser fechada. Apenas seis membros participavam nos cultos ao Sábado, sendo quatro deles da mesma família. Sem contar que todo o grupo era composto por idosos. No fim do século XX, a liderança da Associação chegou a recomendar a venda do edifício na cidade de Bergen, na ilha de Rugen.

“Não! Queremos manter a igreja”, insistiu Gunthardt Saupe, Primeiro Ancião da congregação. “Nós não queremos vendê-la.”

Com estas palavras, os seis membros da igreja começaram a orar fervorosamente. À medida que oravam, o número de fiéis aumentava. Então construíram um edifício novo, que hoje também serve como centro de influência junto da comunidade e que é testemunha do incrível poder de Deus no norte da Alemanha. Atualmente, 25 membros, mais os seus filhos e alguns convidados, reúnem-se para louvar Deus em cada Sábado no edifício milagroso, que custou 730 mil Euros.

“A nossa igreja tem um novo prédio e nenhuma dívida”, disse Gunthardt numa entrevista. “Deus confirmou que a nossa igreja deve permanecer aberta.”

A igreja Adventista do Sétimo Dia de Bergen foi fundada por sete pessoas em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial. O templo, localizado numa ilha com praias arenosas, aldeamentos turísticos, cidades históricas e um parque nacional com impressionantes penhascos em forma de giz branco sobre o azulado Mar Bálti-

co, registou um pico de 33 membros no fim da década de 1950. No entanto, sofreu um declínio acentuado após a reunificação da Alemanha, em 1990. Os membros mais velhos morreram e os mais jovens deixaram a ilha da antiga Alemanha Oriental em busca de uma vida melhor. Em 1999, quando os líderes da Associação local recomendaram o encerramento da congregação, grande parte da população da ilha tinha-se secularizado.

Gunthardt e a esposa, Petra, uniram-se aos seus pais e a outros dois membros da igreja para orarem pela intervenção de Deus. “Por favor, Senhor, traga alguém novo à nossa igreja”, suplicou Gunthardt.

Então um médico Adventista, acompanhado pela sua esposa e filha, mudou-se para a ilha e uniu-se à igreja. O número de membros da igreja cresceu para nove. Os crentes continuaram a orar. Um membro antigo voltou para a igreja. Eles continuaram a orar.

Mudança de coração

Em 2010, o número de membros da igreja chegou a 16, o que levou os líderes da Associação a mudar de ideias sobre o encerramento do templo. Embora o número de membros permanecesse baixo, a igreja ficava cheia quando os turistas visitavam a ilha no verão. Alguns turistas eram Adventistas e, na época alta, os cultos chegavam a reunir até 50 pessoas.

Devido ao espaço insuficiente, elas sentavam-se na relva do lado de fora da igreja e ouviam o sermão através das janelas abertas.

A batalha dos membros para salvar a sua igreja parecia ter sido ganha. Mas surgiu outro desafio. Necessitavam, desesperadamente, de um novo prédio. O pequeno edifício amarelo tinha mais de 200 anos e estava em sério estado de degradação. O andar de cima rangia e movia-se quando as pessoas se reuniam para a Escola Sabatina, além de haver um odor desagradável que permeava o local. Os membros da igreja continuaram a orar.

Em 2018, cada uma das sete famílias que constavam na lista de membros decidiu comprometer-se, doando recursos para um novo edifício. Mas o total prometido de 136 mil Euros estava longe de ser suficiente para o projeto. Porém, isso animou-os a continuar em oração. “Deus, por favor, ajuda-nos a alcançar o resto do dinheiro de que precisamos”, clamaram eles.

Gunthardt, que tinha construído várias casas, fez o projeto do novo prédio para a igreja, que também serviria como centro de influência, oferecendo, ao longo da semana, palestras sobre temas como o perdão ou o modo de lidar com o sofrimento.

Mais dinheiro começou a entrar. Adventistas de toda a Alemanha contribuíram generosamente depois de terem ouvido falar sobre o projeto num acampamento. Empresas e outras organizações também fizeram doações.

Doação inesperada

Uma contribuição significativa veio quando Gunthardt se encontrou inesperadamente com o ministro das



finanças daquele Estado. Na Alemanha, cada um dos 16 Estados tem o seu ministro e Gunthardt encontrou-se com um deles numa reunião local de negócios. Durante esse encontro, Gunthardt conversou com o ministro sobre a igreja e este prometeu ajudar.

No entanto, Gunthardt não esperou que o ministro lhe ligasse. Durante os seis meses seguintes, ele telefonou muitas vezes para o gabinete do ministro.

Finalmente, o ministro respondeu a um desses telefonemas. Pediu desculpas pelo atraso e deu a Gunthardt o número de uma pessoa influente que poderia ajudar. Gunthardt ligou para o político e convidou-o para uma visita à igreja.

Durante a visita, o político expressou o seu apreço e fez uma proposta. “Se a sua solicitação for menor do que 300 mil Euros, posso dar-lhe o dinheiro agora”, garantiu ele.

Na Alemanha, os políticos têm ampla autoridade para distribuir recursos estatais entre causas sociais e religiosas privadas. Porém, o político colocou uma condição para a doação. “Como Cristão”, disse ele, “quero que o novo edifício da igreja seja usado não apenas para fins sociais, mas também para divulgar a Palavra de Deus.” Com muita alegria, os membros da igreja concordaram. Eles já tinham planeado transformar o templo num centro de influência.

Políticos e líderes comunitários juntaram-se àquela comunidade adventista durante a inauguração do novo edifício da igreja, em 2021. Num vídeo apresentado na cerimónia, Anja Ratzke, Presidente da Câmara de Bergen, elogiou a igreja, dizendo que se tratava de “uma grande riqueza” para a comunidade. Além dos seminários e das palestras, os membros comprometeram-se a abrir as suas instalações a outras organizações religiosas e a realizar serviços fúnebres sem custos.

Novo começo

“A incrível resposta de Deus às orações daquelas pessoas deveria moti-

var qualquer igreja com membros em declínio”, disse Hugo Tornow, Pastor local, quando a congregação passou de 6 para 16 membros. “Queremos dar esperança às pessoas que estão desapontadas com o declínio do número de membros da sua igreja”, ele reforçou. “Queremos dizer que Deus pode trabalhar.”

Embora a nova igreja esteja aberta, os membros continuam a orar. O templo está localizado numa região da Alemanha reconhecida como das mais secularizadas e ateias do mundo.

“Agora queremos encher a igreja com vida para a comunidade”, disse René Cornelius, que também é Pastor na localidade.

Gunthardt não tem dúvidas de que Deus ouve e responde às orações.

“Estamos à espera de mais milagres”, disse ele. “As pessoas aqui não são muito religiosas. Estamos a tentar comunicar com a comunidade. A nossa mensagem para todas as pessoas é: ‘Tu és amado por Deus.’”

**“Queremos dar
esperança às
pessoas que estão
desapontadas com o
declínio do número
de membros da sua
igreja”, ele reforçou.
“Queremos dizer que
Deus pode trabalhar.”**



Tim Poirier
Vice-Diretor do White Estate

Retirado da Revista Adventista brasileira de maio de 2023.

A Biblioteca de Ellen G. White

Hoje, o Patrimônio Literário de Ellen G. White registra cerca de 500 livros originais da sua biblioteca, sendo que o mais antigo foi impresso em 1600.

No início de novembro de 1871, Ellen G. White interrompeu uma carta que estava a escrever a Willie, o seu filho adolescente, para cumprir um compromisso em Boston, Massachusetts, Estados Unidos da América, com o famoso reformador da saúde Diocletian Lewis. Poucas semanas antes, ela e James tinham deixado o seu lar em

Battle Creek, Michigan, num itinerário de dois meses por todo o nordeste dos Estados Unidos da América. Agora estavam hospedados em casa dos Stratton, não muito longe da residência do médico.

Após voltar da visita, Ellen G. White relatou que, assim que chegaram, sentaram-se num sofá. Depois,

foram “elevados pela força do vapor até ao quarto andar. Quando subimos, chegámos ao consultório [...]. Encontrámos um homem muito afável, social e de coração aberto”.

Partilhando em comum o interesse pelos benefícios do exercício e do uso de remédios naturais, Ellen G. White relatou que a sua “entrevista foi a mais agradável. Conversámos tão familiarmente como se estivéssemos a visitar amigos de longa data”. Durante a conversa, o Doutor Lewis convidou o casal White a visitar a famosa Biblioteca Athenaeum, de Boston, uma das bibliotecas semiprivadas mais importantes do mundo.

Ellen G. White ficou cativada pelo ambiente que a circundava. “É uma visão e tanto”, escreveu ela. “Curiosidades na forma de livros de quase todas as datas. Alguns com centenas de anos de idade. O estilo da letra, a margem dos livros, os arranjos da matéria, eram curiosidades literárias. Livros, livros, livros em cada prateleira, de história em história, de cada descrição, de cada ordem” (Carta de Ellen G. White para W. C. White, 20 de novembro de 1871 – Carta 17, 1871).

O Seu fascínio pela variedade de produções literárias confirma outros registos quanto ao facto de que Ellen G. White era grande amante de livros, gostava da vista e do cheiro de livrarias antigas e tinha satisfação em encontrar o volume certo para ampliar o seu acervo.

Ellen G. White também incentivou outros a adquirir material de leitura de qualidade, recomendando, por exemplo, a obra *Life of Saint Paul* (*A Vida de São Paulo*), de Conybeare

e Howson, como “um livro de grande mérito e de uma utilidade preciosa para o estudante sincero da história do Novo Testamento” (*Signs of the Times*, 22 de fevereiro de 1883). Ela também sugeriu a obra *History of the Reformation* (*História da Reforma*), de J. H. Merle D’Aubigné, como um livro “interessante e proveitoso” para oferecer no Natal (*Review and Herald*, 26 de dezembro de 1882).

Património literário

Ellen G. White possuía duas bibliotecas, uma pessoal e outra para os funcionários do seu escritório. Um inventário de ambas as coleções, realizado pouco antes da sua morte, revela que ela havia adquirido aproximadamente 1 400 títulos. Entretanto, quase 600 destes tinham sido comprados ao seu secretário, Clarence C. Crisler, em 1913. Por isso, é provável que ela não tivesse chegado a utilizar muitos desses materiais incorporados ao seu acervo. Hoje, o Património Literário de Ellen G. White regista cerca de 500 livros originais da sua biblioteca, sendo que o mais antigo foi impresso em 1600. Quarenta deles contêm a sua assinatura manuscrita e marcas ocasionais ao longo do texto. No entanto, depois de a pioneira falecer, muitos dos seus livros foram vendidos ou doados a instituições educativas Adventistas.

Como sabemos que foi Ellen G. White que marcou as passagens assinaladas, já que ela comprou alguns livros em segunda mão? Ela tinha um estilo característico no tratamento dos seus livros. Diferentemente de John Andrews, que corrigia erros de ortografia e acrescentava outras referências

enquanto lia um livro, Ellen G. White tinham um estilo mais “gentil”. Há ocasionais impressões digitais manchadas de tinta nas margens das páginas, mas o texto impresso é desprovido de qualquer marcação. Não era prática dela sublinhar. Pelo contrário, ela costumava fazer simples traços verticais nas margens, com pouco mais de meio centímetro de comprimento, ao lado das linhas que despertavam o seu interesse. Às vezes, ele fazia um pequeno x ao lado do parágrafo ou simplesmente dobrava o canto da página.

Janela para a sua coleção

Que tipo de livros tinha Ellen G. White na sua biblioteca? (Veja o inventário completo aqui: <https://library.llu.edu/heritage-research-center/egw-estate-branch-office/egw-private-and-office-libraries>). Não é uma surpresa o facto de ela colecionar livros sobre assuntos nos quais tinha mais interesse: História, comentário bíblicos, vida e ensinamentos de Cristo, saúde, educação, História da Igreja, biografias e prática cristã. Ela usou vários destes livros nos seus escritos.

Embora a sua biblioteca incluísse obras de autores Adventistas, a maioria das obras era da autoria de escritores não Adventistas. Em parte, isto devia-se ao facto de haver um número limitado de livros escritos por autores Adventistas no tempo em que ela viveu. Ellen G. White não acreditava que uma pessoa ou um grupo tivesse o monopólio da verdade.

Numa carta, William C. White, um dos filhos de Ellen G. White, registou algo interessante sobre o hábito de lei-

tura da sua mãe: “Ela assumiu a posição de que coisas escritas por homens piedosos, contendo exposições das Escrituras e apresentando verdades bíblicas, também deveriam ser incluídas na nossa leitura” (Carta de W. C. White para L. E. Froom, 14 de fevereiro de 1926). Embora devamos filtrar o que lemos com a “peneira do evangelho”, Ellen G. White reconhecia que o Espírito Santo impressionava muitas e variadas mentes com as gemas da verdade durante o estudo da Palavra de Deus.

Esta janela para a biblioteca de Ellen G. White revela a sua forte apreciação da boa leitura, mas ela conhecia plenamente as deficiências de meras produções humanas.

“De todos os livros que inundaram o mundo, por mais valiosos que sejam, a Bíblia é o Livro dos livros e merece a atenção e o estudo mais detalhados. Ela contém não apenas a história da criação deste mundo, mas também a descrição do mundo que está por vir. Ela contém instruções a respeito das maravilhas do Universo e revela, para a nossa compreensão, o Autor dos céus e da terra” (Ellen G. White, *Review and Herald*, 21 de agosto de 1888).

Este Autor ainda vive e é Aquele com quem nos encontraremos em breve.

De todos os livros que inundaram o mundo, por mais valiosos que sejam, a Bíblia é o Livro dos livros e merece a atenção e o estudo mais detalhados.



Vagas no Grande Hotel

Jesus disse: “Na casa de meu Pai há muitas moradas” (João 14:2).

Uma das experiências de pensamento mais famosas na história intelectual moderna é o Paradoxo do Hotel Infinito. Apresentado em 1924 por um matemático alemão, David Hilbert, ele apresenta o Grande Hotel, que tem um número infinito de quartos, todos ocupados. No entanto, alguém chega e pede um quarto. Para acomodar este novo cliente, o gerente muda cada hóspede para o quarto seguinte: o hóspede do quarto 1 passa para o quarto 2, o hóspede do quarto 2 passa para o quarto 3, e assim por diante, até ao infinito.

Fica-se a saber que há um Hotel que tem sempre vagas, pelo que chega um autocarro com um número infini-

to de pessoas que necessitam de quarto. Conhecendo bem a matemática, o gerente faz com que cada ocupante se mude para o quarto duplo do seu: o hóspede do quarto 1 passa para o quarto 2, o hóspede do quarto 2 passa para o quarto 4, o hóspede do quarto 3 passa para o quarto 6, e assim por diante. ... Esta medida permite libertar uma quantidade infinita de quartos de número ímpar para os novos hóspedes (embora ir do quarto 684 250 para o quarto 1 368 500 possa levar algum tempo).

Mas isto leva ao paradoxo. Se um número infinito de quartos ocupados já existia, como é que se adiciona mais um quarto, para não dizer mais um



Clifford Goldstein
Editor do Manual da
Escola Sabatina

número infinito de quartos? Qual é a única opção lógica? O infinito tem diversos tamanhos.

Afinal, existe um número infinito de números inteiros: 1, 2, 3, 4, 5, 6 ... Mas há também um número infinito de números inteiros pares: 2, 4, 6, 8, ... Mas como é possível que apenas uma parte (metade, na verdade) do todo possa ter o mesmo número que o todo? É como se eu comesse metade do meu saquinho de *M&M*, mas ficasse com a mesma quantia, como se não tivesse comido nenhum.

Não é bem assim. Porque, por maior que seja o meu saquinho de *M&M*, ele contém apenas um número finito de doces e o infinito é uma rea-

lidade radicalmente diferente do finito. Poderia parecer sensato dizer que há uma diferença *quantitativa* entre o finito e o infinito (afinal, estamos a lidar com números), mas não o é. Como mostram os exemplos que referi, trata-se de uma diferença *qualitativa*.

Isto traz-me ao ponto que quero apresentar. “A vida eterna”, escreveu Ellen G. White, “é um dom infinito. Isto coloca-a fora da possibilidade de ser ganha, pois é infinita”.¹

O infinito não é apenas o resultado de muitas coisas finitas juntas, sendo exatamente por isso que o nosso esforço para ganhar a vida eterna falha. Todas as nossas obras altruístas, todas as nossas palavras encorajadoras, todos os nossos motivos puros adicionados, elevados à décima potência (ou à centésima), são sempre e apenas finitos. E dado que “a vida eterna é um dom *infinito*”, é tão impossível ganhá-la como é impossível contar até ao infinito.

E Quem seria Aquele que, Ele só, pode conceder o “dom infinito” da vida eterna, senão um Deus que não só é infinito e eterno, mas transcende ambas as realidades? O Senhor, para poder oferecer a infinitude e a eternidade, deve estar para além delas.

Jesus disse: “Na casa de meu Pai há muitas moradas” (João 14:2). Talvez não haja um número de quartos infinito, como no Grande Hotel, mas haverá um número de quartos suficiente – com cada preço, imposto e gratificação pagos, totalmente em avanço, pelo “dom infinito”, o sangue de Jesus.

¹
Ellen G. White, *Fé e Obras*, p. 24.



ESPÍRITO DE PROFECIA

Daniel Vicente | Diretor do Serviço de Espirito de Profecia da UPASD

Fixa os teus olhos no Mestre

Ao escolher Salomão como sucessor do rei David, Deus estava a direcionar a atenção do ser humano para a importância de fixar, sempre e ainda, o seu olhar em Jesus, aprendendo a não cair nos mesmos erros de vida em que Salomão caiu.

“Como seus representantes entre os homens, Deus não escolhe anjos que nunca caíram, mas seres humanos, homens com paixões idênticas às daqueles que procuram salvar.”¹

Apesar de ter feito boas escolhas ao iniciar o seu reinado, pois sentia-se incapaz de ser o dirigente de Israel sem a direção e a orientação de Deus,² Salomão não permaneceu fiel durante todo o percurso do seu reinado.³

“Depois de ter sido um dos maiores reis a empenhar um cetro, Salomão tornou-se um libertino, instrumento e escravo de outros. O seu caráter, outrora nobre e viril, tornou-se debilitado e efeminado. A sua fé no Deus vivo foi suplantada por dúvidas ateístas. A incredulidade manchou a sua felicidade, enfraqueceu os seus princípios e degradou a sua vida. A justiça e magnanimidade dos primórdios do seu reinado, converteram-se em despotismo e tirania. Como a natureza humana é pobre e frágil! Deus pouco pode fazer por homens que perdem a noção de dependência d’Ele.”⁴

Que triste resultado o do ser humano que, mesmo tendo recebido a bênção de Deus para o serviço em favor dos outros, se coloca em bicos de pés e pensa que tudo o que é, sabe e tem é fruto do seu esforço. Nessa ilusão, estará a proceder como Salomão, até que, atendendo à voz do Espírito Santo, chega a descobrir e a convencer-se do quão iludido tem andado, sem obter o verdadeiro sentido para a vida. Esta é a grande lição de vida que podemos tirar ao ler a vida de Salomão e aquilo que está escrito, em guisa de conclusão, no livro de Eclesiastes.⁵

“Sob inspiração, o rei relatou, para as gerações futuras, a história dos seus anos de dissipação, com as suas lições de advertência. E assim, embora o resultado da sementeira que fez fosse colhida pelo seu povo como safras de males, não se perdeu totalmente a obra da sua vida. Com mansidão e humildade, Salomão, nos seus últimos anos, ensinou ‘sabedoria ao povo, ... e atentou, e esquadrinhou, e compôs muitos provérbios’. ‘Procurou achar palavras agradáveis; e o escrito é a retidão, palavras de verdade.’ ‘As palavras dos sábios são como agulhões, e como pregos bem fixados pelos mestres das congregações, que nos foram dadas pelo único Pastor. E, demais disto, filho meu, atenta.’ Eclesiastes 12:9-12. ‘De tudo o que se tem ouvido, o fim é’, escreveu ele, ‘teme a Deus, e guarda os Seus mandamentos; porque este é o dever de todo o homem. Porque Deus há de trazer a juízo toda a obra, e até o que está encoberto, quer seja bom quer seja mau’. Eclesiastes 12:13 e 14.”⁶

1
Ellen G. White, *Serviço Cristão*, p. 15, ed. P. SerVir.

2
I Reis 3:7-9, II Crônicas 1:9 e 10.

3
I Reis 11: 9-11.

4
Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 37, ed. P. SerVir.

5
Eclesiastes 12.

6
Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 53, ed. P. SerVir.



Conceição Lagoa
Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Criança



Salomão

**“Aquele que deu a Salomão o espírito de discernimento sábio,
está deseioso de repartir as mesmas bênçãos pelos Seus filhos hoje.”**

– Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 18, ed. P. SerVir.



Havia um jovem chamado Salomão. Ele foi escolhido para ser rei de Israel. Sentia que era pequeno demais e não sabia muito bem como fazer as coisas certas. Ele pediu a Deus para lhe dar SABEDORIA para ajudar as pessoas e distinguir entre o justo e o injusto, o bem e o mal, porque achava difícil cuidar de um povo tão grande. Deus ficou contente com o pedido de Salomão e deu-lhe não só sabedoria, mas também riqueza e glória. Ele

tornou-se um rei muito sábio, rico, generoso e, assim, realizou melhor o seu trabalho.

Deus disse a Salomão que, se ele fosse bom e fizesse o que Deus mandava, o seu reinado seria forte. Israel seria conhecido como um povo inteligente e sábio por todas as nações.

Foi assim a primeira parte do reinado de Salomão. Deus foi muito honrado e Salomão mostrou sabedoria e justiça, fazendo com

que todas as nações conhecessem o Deus que ele servia. E, durante esse tempo, Israel brilhou como uma luz, revelando a grandeza de Deus pela maneira como honrava o Seu nome. Salomão fez com que as pessoas soubessem como Deus era especial.

O rei gostava muito de aprender sobre a Natureza que Deus criara. Ele viu a sabedoria de Deus nas plantas, nos animais e em tudo ao seu redor. Ficou tão feliz por aprender que começou a escrever hinos e provérbios para agradecer a Deus.

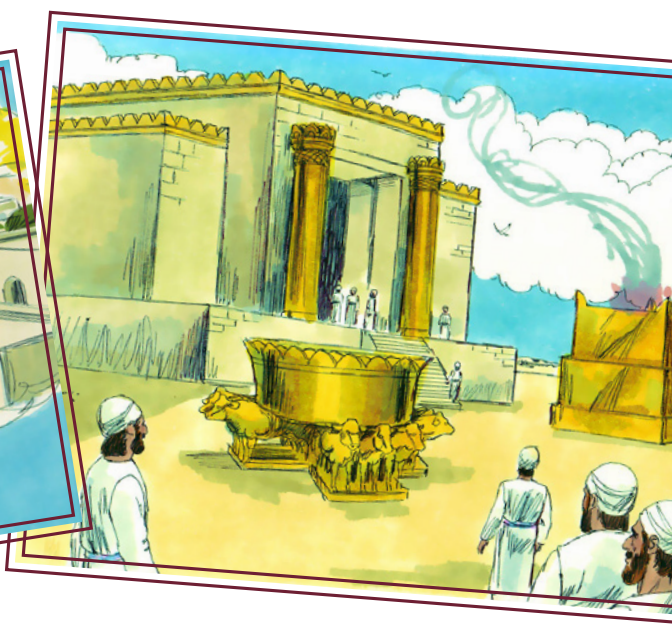
“Compôs 3000 provérbios e escreveu 1005 canções. Podia falar com entendimento sobre plantas de toda a espécie, desde o grande cedro do Líbano até o pequeno hissopo que cresce nas fendas dos muros. Também tinha conhecimento de animais, aves, répteis e peixes.” I Reis 4:32 e 33, *NVT*. Salomão escreveu provérbios que nos ensinam como viver bem e sermos bons. Assim, ele foi um rei sábio que governou bem enquanto honrou Deus. Trouxe paz e prosperidade ao seu povo.

Mas, mais tarde, ele afastou-se de Deus e adorou ídolos. Fez também uma escolha triste. Deus havia dado regras aos reis de

Israel, pedindo que escrevessem as leis de Deus num livro e que o lessem todos os dias. Também aconselhou que não tivessem muitas esposas, nem acumulassem muitas riquezas. Salomão começou bem, mas depois esqueceu estas orientações e isso trouxe problemas.

Ele construiu um templo lindo para Deus, mas as pessoas começaram a chamá-lo “Templo de Salomão”, em vez de “Templo de Deus”. Salomão perdeu o equilíbrio por causa da fama e da riqueza, e isso foi triste. Quando ele se tornou orgulhoso e se esqueceu de agradecer a Deus, a sua vida tornou-se vazia. Devemos lembrar que tudo o que temos vem de Deus e não deixar que o orgulho nos domine.

Salomão começou a fazer coisas erradas e o seu coração tornou-se teimoso na desobediência. Parecia que estava muito longe de fazer o que era certo. Cometeu erros ao adorar deuses falsos e isso o deixou triste e perturbado. Ele já não tinha alegria, nem paz. Deus permitiu que coisas más lhe acontecessem para lhe mostrar que ele estava errado. Outras pessoas também se tornaram inimigas de Salomão. Foi uma época difícil para ele.





Mais tarde...

Salomão percebeu que havia cometido erros e arrependeu-se. Queria voltar a ser bom, embora soubesse que não poderia apagar todos os seus erros. Mesmo assim, decidi ajudar os outros a não cometerem os mesmos pecados que ele havia cometido. Confessou os seus erros e avisou as pessoas para não seguirem o caminho errado que ele tinha escolhido.

A vida de Salomão ensina-nos que podemos ter uma grande influência na vida das outras pessoas, seja para fazer coisas boas ou más. Mesmo que a nossa influência seja pequena, podemos fazer a diferença. Podemos fazer as pessoas felizes com o nosso amor, a nossa coragem e a nossa esperança ou podemos magoá-las se agirmos de forma egoísta. É importante usar a nossa influência para fazer o bem.

“Aqui termina o meu relato. Esta é a minha conclusão: tema a Deus e obedeça aos seus mandamentos, pois esse é o dever de todos.

Deus nos julgará por todos os nossos atos, incluindo o que fazemos em segredo, seja o bem, seja o mal.” Eclesiastes 12:13 e 14, NVT.

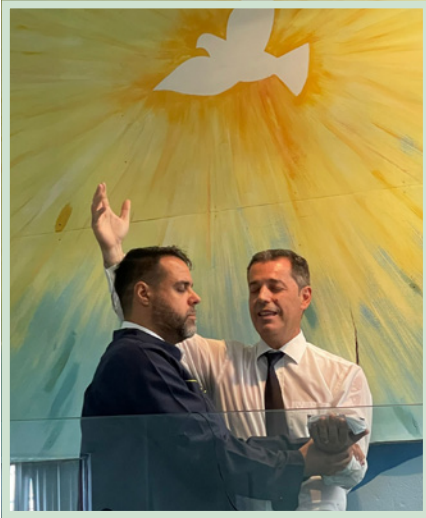
A história de Salomão ensina-nos que devemos sempre tomar cuidado com o pecado e confiar em Deus, orar e ficar atentos. Amar Deus e os outros é o mais importante. Devemos também seguir as regras de Deus, que nos mantêm fortes e firmes na vida.

Quando somos orgulhosos e ambiciosos, não conseguimos apreciar as bênçãos do Céu. Quem tenta glorificar-se esquece a graça de Deus, que nos dá alegria e riqueza verdadeira. É importante ser humilde e agradecido, em vez de querer ser melhor do que os outros.

Devemos pedir sabedoria para fazer o que é certo e, se seguirmos os ensinamentos de Deus, Ele nos dará uma vida longa e cheia de coisas boas.

“Não se esqueça do seu Criador nos dias da sua juventude. Honre-o enquanto você é jovem [...]” Eclesiastes 12:1, NVT.





Batismos em Corroios e Paivas

17 jul 2023 | Departamento da IASD de Paivas

No Sábado 8 de julho, as igrejas de Paivas e de Corroios juntaram-se para uma Cerimónia Batismal conjunta, em que sete pessoas decidiram entregar a vida a Cristo. Nesta tarde de Sábado houve alegria, louvor e adoração a Deus, tanto no Céu, como na Terra.

O Pr. Júlio Carlos Santos foi convidado a realizar um batismo e o Pr. Jorge Duarte entregou a Jesus outras cinco pessoas, havendo ainda a oportunidade de a igreja aceitar uma jovem por profissão de fé.

O Nuno Silveira, o Diogo Miguel e o Nuno Júnior entregaram a sua vida a Jesus e passaram a ser membros da IASD de Corroios. O Cristóvão Espírito Santo, o Ricardo Pessoa e a Rafaela Pessoa juntaram-se, como membros de pleno direito, à IASD de Paivas, juntamente com a Nazaré Salvador, que aceitou Jesus primeiramente na Igreja Batista e

que, depois de ter compreendido algumas novas doutrinas, incluindo a do Sábado, desejou ser Adventista do Sétimo Dia e foi aceite por Profissão de Fé na IASD de Paivas.

No apelo final várias pessoas levantaram-se, mostrando o seu desejo de aprender mais sobre Jesus para que, em breve, voltemos a ter mais decisões por Cristo e mais almas ganhas para a eternidade.



Música e Ação

17 jul 2023 | Roberto Silva e Haroldo Rodrigues Silva, IASD de Valença do Minho

O Projeto Música e Ação, em Valença, é um projeto de Evangelização liderado pelo Ministério da Música e que conta com o apoio do Ministério dos Jovens da igreja Adventista do Sétimo Dia em Valença.

No Sábado 15 de julho, a igreja saiu para a rua para fazer aquilo que Jesus nos designou: pregar o Evangelho! Neste dia foi distribuído nas ruas de Valença o livro *O Grande Conflito*, entre outro material impresso. Foram ainda distribuídos calorosos abraços gratuitos e realizadas orações com a comunidade.

Que Deus abençoe as pessoas que receberam estas dádivas e abençoe os participantes e a organização. A Deus toda a honra e toda a Glória!



Batismo em Portalegre

18 jul 2023 | Departamento de Comunicação da IASD de Portalegre

A Bíblia fala de alegria no Céu quando um ser humano retorna para os braços do nosso Senhor e Criador. A igreja de Portalegre pôde partilhar desta alegria celeste na tarde do Sábado 27 de maio, com o batismo da Irmã Carina Afonso, filha da nossa irmã Maria Adelaide (Milai) Afonso. Depois de muitos anos de oração de intercessão por parte da sua mãe, o Espírito Santo colocou no coração da Carina a necessidade de voltar para junto de Cristo e de preparar-se para o Seu retorno. Depois de alguns meses de preparação e de grandes decisões a nível pessoal, tudo ficou pronto para juntos vivermos estes momentos.

Foi emocionante para a irmã Milai (que é a secretária da igreja) receber a sua filha como membro de igreja e entregar-lhe o certificado de batismo. Ao vivermos esta maravilhosa experiência do regresso ao lar da Irmã Carina pela influência e ação do Espírito Santo na sua vida, todas as famílias da igreja que, neste momento, têm familiares afastados renovaram o voto de continuar o trabalho de intercessão diante do

Senhor pelos seus queridos que estão distantes da Igreja.

A igreja de Portalegre e todos os Irmãos do distrito continuam, com alegria e esperança, a trabalhar e a orar para que o Senhor nos permita mais vezes viver esta experiência de ver um filho voltar ao lar.



ATL e Escola Cristã de Férias em Sacavém

1 ago 2023 | Zidneque Viegas, Ministérios da Criança da IASD de Sacavém

Os Ministérios da Criança da igreja Adventista do Sétimo Dia de Sacavém realizaram a sua Escola Cristã de Férias, de 2 de julho a 8 de julho de 2023, com o tema: “Uma Viagem pelo mar da Galileia”. A ECF decorreu no parque desportivos de Camarate e contou com participação de 70 pessoas, sendo 40 crianças com a idade entre os 4 e os 14 anos, 20 adolescentes (monitores) e 10 adultos (professores). Das 40 crianças, 14 tiveram assim o primeiro contacto com a Igreja Adventista do Sétimo Dia, tendo os pais ficado muito agradados com a forma como os seus filhos ficaram apaixonados pelos instrutores, pelos coleguinhas participantes e por Jesus, que aprenderam a conhecer. Agradecemos o envolvimento de

todos e a dedicação dos monitores que permitiram que esta ação levasse a igreja à comunidade de Sacavém e Camarate. “Eu Vou... levar Jesus à Comunidade”.



Batismos na igreja de Lisboa-Alvalade

1 ago 2023 | Isabel Marques, Vice-Secretária da IASD de Lisboa-Alvalade

No passado dia 15 de julho, a igreja Adventista do Sétimo Dia de Alvalade teve um sábado muito especial. Cinco novas almas tomaram a decisão pelo batismo, entregando assim o seu coração e a sua vida a Jesus.

O batismo é a maior decisão na caminhada de um Cristão. Uma caminhada que, por vezes, tem percalços, dissabores, dor, tristeza, mas que, por fim, com a vinda de Jesus, valerá apenas. E, um dia, tudo não passará de um mero sopro que rapidamente se dissipa ao contemplarmos a face do nosso Salvador.

Cinco histórias diferentes: a Maria Maculada e o Joaquim, o Eliseu e a Verónica, a Emília. Cinco almas que ouviram o chamado de Jesus. Dois casais que, unidos em matrimónio, entregaram a sua vida e família a Jesus. E a Emília que, já

tendo o marido na fé, fez o seu percurso de estudo da Bíblia e tomou a sua decisão para a eternidade.

A caminhada é feita também de exemplos, de pessoas que Deus coloca no nosso percurso para nos ajudarem e guiarem até Ele. Deus chama-nos até Si de várias maneiras, pois tudo o que Ele deseja é salvar-nos.

A igreja de Alvalade acolhe estes cinco novos membros e, todos juntos, como uma grande família que somos, vamos continuar a crescer em força e graça e dar o nosso melhor contributo para Deus e para a nossa igreja. Sejam muito bem-vindos e que Deus vos abençoe e guarde nesta vossa nova caminhada! “Porque, todos quantos fostes batizados em Cristo, já vos revestistes de Cristo.” Gálatas 3:2.



Escola Cristã de Férias em Lisboa-Central

3 ago 2023 | Direção do Clube de Tições da IASD de Lisboa-Central

Nos dias 17 a 21 de julho de 2023, na Igreja de Lisboa – Central, decorreu um programa que já há muito tempo não era realizado aqui. Muitos se lembravam com nostalgia da Escola Cristã de Férias e este ano

foi dada a oportunidade a 32 crianças, das quais seis não adventistas, de a viver. O tema foi “Seguir Jesus!” Abordámos vários episódios da vida de Jesus, como o Seu nascimento, os Seus milagres, a Sua morte e a Sua ressurreição, levando os participantes a imergir nas narrativas bíblicas. Conhecemos também os discípulos e descobrimos diferentes maneiras de nós próprios sermos discípulos. Entregámos postais de convite à comunidade circunvizinha da igreja e ajudámos a ADRA local na preparação e na distribuição dos cabazes alimentares. Entre moldar barro, pintar, fazer pão e participar em jogos de equipa, as crianças tiveram oportunidade de conhecer novos amigos e aprender mais sobre o nosso grande amigo Jesus. Na reunião de encerramento reunimos os pais e os avós com os participantes, sendo que alguns vieram pela primeira vez a uma igreja adventista, tendo demonstrado apreço e satisfação pela participação das suas crianças. Deixámos o convite para trazerem as crianças às atividades dos Tições. Sob a direção da diretora de Tições, Inês Ratilal, e com a ajuda de 11 colaboradores, dos Ministérios da Criança e da Família e do Departamento de Educação, de membros da igreja disponíveis para nos aconselhar, do Pastor e do nosso Deus, conseguimos montar e concretizar este projeto. Foi realmente uma bênção para todos, com muito trabalho para os moderadores, mas muito gratificante. Para eles um grande “muito obrigado”.



Batismos em Valença do Minho

7 ago 2023 | Roberto Pereira Silva,
IASD de Valença do Minho

Depois de uma manhã fantástica e muito espiritual na igreja, tivemos o privilégio de degustar um fabuloso almoço convívio campal. De seguida, todos ficamos muito contentes porque houve festa no Céu e muita alegria em Valença do Minho. O casal Deymian e Diana, desceram às águas batismais no Sábado 29 de julho. A Cerimónia Batismal foi realizada pelo Pastor Rúben Martins. Foi uma caminhada muito longa, com grandes obstáculos, mas Deus capacitou-os e eles venceram todas as dificuldades. Trata-se de um casal com grandes dons que, com certeza, irá fortalecer a nossa igreja e contribuir para a partilha do evangelho em Valença do Minho. Que o Senhor Jesus Cristo os abençoe nessa nova vida.



Abraçar o Mundo – Bissau 2023

8 ago 2023 | Pr. António Rodrigues, Abraçar o Mundo

O Projeto Humanitário “Abraçar o Mundo” realizou a sua 12ª missão na Guiné-Bissau durante as férias da Páscoa (de 30 de março a 14 de abril de 2023). Trinta e quatro missionários, com idades entre os 15 e os 77 anos, deixaram “a sua zona de conforto” rumo a Bissau, a capital da Guiné. Todos movidos pelo amor a Deus e ao próximo (Mateus 22:37–39). Levaram na sua bagagem os três pilares que sustentam o projeto: o pilar social, o pilar da saúde e o pilar espiritual. Esta missão tinha como objetivo fazer a diferença em vidas e comunidades através da partilha da mensagem de esperança, ajudando aqueles que mais necessitam. Foram



dias muito intensos, mas valeram a pena, porque o amor de Cristo encheu o nosso coração. Distribuímos centenas de sacos com alimentos, muito material escolar, roupas, visitámos um centro de invisuais que serve jovens e crianças, realizámos 1300 rastreios através da Expo-Saúde com distribuição de medicamentos, pintámos uma escola adventista e realizámos seis Campanhas de Evangelização. Os missionários viveram momentos únicos, tornando-se numa bênção para todos aqueles que os conheceram. Queremos agradecer à Igreja na Guiné-Bissau, na pessoa do seu Presidente, Pr. Gaspar Gomes, o apoio. Agradecemos também a todos os demais Irmãos e Irmãs que nos receberam e nos apoiaram de um modo extraordinário. Agradecemos ao Departamento de Jovens e ao Departamento de Saúde da UPASD, à ADRA Portugal e a todos os doadores. Mas o nosso agradecimento vai, sobretudo, para o nosso amoroso Deus, que nos permitiu estar lá.

Para 2024, a intenção do “Abraçar o Mundo” é de ir até à Missão do Bongo em Angola.

Maranatha!





Batismos na Comenda e em Ponte de Sôr

4 set 2023 | Eurico Vidro,
IASD da Comenda e de Ponte de Sôr

No passado dia 5 de agosto de 2023, a igreja da Comenda vibrou com o batismo de duas almas, dando o seu testemunho. Joaquim Teles e Arissa Vidro tomaram uma decisão firme por Cristo.

O Irmão Joaquim, depois de anos de indecisão, viu chegado o dia da sua entrega a Jesus, para a alegria de toda a igreja e, em especial, para a família, que aguardava por este dia. Arissa Vidro é uma jovem promissora, cujos pais, Aristides e Vanessa Vidro, esperaram ansiosamente pelo dia da sua decisão.

A igreja ficou repleta de membros da Comenda, de Ponte de Sôr, de Portalegre e até de Ribeira de Nisa, para assistirem a este ato tão importante. Estamos gratos ao nosso Deus, que permitiu a realização deste evento e nos protegeu. Vimos a mão do Senhor agindo em nosso favor.

Que o nome do Senhor Jesus Cristo seja para sempre exaltado!



Batismos na Sertã

4 set 2023 | Olga Almeida, IASD da Sertã

A igreja Adventista do Sétimo Dia da Sertã teve, durante o mês de julho, dois momentos festivos, que muito terão alegrado o Céu. Quatro jovens selaram o seu compromisso com Jesus através das águas do batismo.

A Ana e o André Ameixa esco-lheram a igreja de Coimbra para o seu batismo no dia 22. A Anne van Voorthuizen e o Samuel Pancha fizeram-no na Natureza no dia 29. Em ambos os momentos tivemos o Pastor Paulo Neves a officiar a cerimónia batismal.

“Deus pede jovens de coração incorrupto, fortes e valorosos, e determinados a combater varonilmente na luta que se acha diante deles, a fim de glorificarem Deus e beneficiarem a Humanidade” (Ellen G. White, *Mensagens aos Jovens*, p. 21) Este é o desejo da igreja para estes quatro jovens valorosos – que a vida de cada um deles seja uma bênção para todos com quem se cruzarem e que, acima de tudo, honrem e glorifiquem o nosso Deus no seu viver.

OMOBONIKE ADEOLA SESSOU

Senhor,
FAZ DE MIM UMA
Mulher Virtuosa!

5€



COMPRA *ONLINE* WWW.PSERVIR.PT | LIGUE 21 962 62 00
E-MAIL CLIENTES@PSERVIR.PT |  +351 925 896 870